

AVULSO

ESC

1.20

ANO II—N.º 9

18

MARÇO

1943



*Ao serviço
da Pátria!*

**Vida
Mundial**

ILUSTRADA

Semanário gráfico de actualidades



JOSÉ DE ESAGUY

Escritor e diplomata, acaba de regressar ao seu alto cargo de chanceler da Legação de Portugal em Tanger, depois de alguns dias de férias em Lisboa. Autor de alguns livros notáveis como o «Marrocos», «Vida do Infante Santo» e «Cartas do diplomata Jorge Pedro Colaço», José de Esaguy publicará proximamente «O minuto vitorioso de Alcazer-Kibir», «Os conquistadores de Marrocos» e «Israel no Marroco», edição francesa.



DR. HERCULANO DE CARVALHO

Director do Instituto Superior Técnico e um dos valores do nosso ensino superior, foi preencher na Academia das Ciências, como sócio efectivo, o lugar vago pela morte do grande cientista Aquiles Machado.



DR. SAMUEL MAIA

Ilustre homem de letras, com uma obra bastante interessante já publicada, acaba de ter agora uma merecida consagração ao ser eleito sócio-correspondente da Academia das Ciências de Lisboa.

AQUI dentro NÓS



ENG. MÁRIO BORGES

Figura de grande prestígio no meio industrial tanto do norte como do sul, a sua escolha para a presidência da direcção da Associação Industrial Portuguesa foi muito bem recebida e constitui uma merecida homenagem às suas grandes qualidades de inteligência e de trabalho.



ARMANDO PASCHOA

Escritor e jornalista, director da revista «Infância», publicou agora um livro «Abutres», que constitui uma bela afirmação do seu valor literário, a avaliar pelos louvores que lhe foram dedicados pela crítica, sempre parca em elogios para quem começa na carreira das letras.



ENG. CARLOS SANTOS

Foi nomeado presidente da direcção do Albergue das Crianças Abandonadas. Muito dedicado ao estudo dos problemas da assistência, aquela instituição vai certamente encontrar nele não só um esplêndido elemento de trabalho como uma pessoa bastante integrada na sua alta função social.

Inventário & Balanço

A DANÇA DAS HORAS

A mudança da hora assinada francamente o fim do Inverno. Não mais palmilhar as ruas, à saída dos empregos, com os candeeiros acesos. Não mais a noite a invadir a tarde. Pelo contrário: é a tarde a furar pela noite dentro. Este ano, como o ano passado, optou-se pelo regime da dupla hora de Verão, em dois escalões: a primeira hora adiantou-se no passado sábado, a segunda adianta-se para o mês que vem. A medida tem os seus contraditores, não faltando os que o sejam por mero espirito de caturrice, nem os que se sintam «defraudados» numa hora de manhã na cama, no conchêgo borralho e mandrião do «espera aí um bocadinho», a olhar para o relógio e a deitar contas de quanto falta para chegar o minuto derradeiro em que é preciso inadiavelmente saltar de pé, para não perder o ponto. A manhã na cama é um dos grandes gozos da inactividade de muita gente nossa — dada a notidades e ao culto inconsciente da preguiça e de chegar tarde a toda a parte. A decisão de se adiantar a hora tem, deste modo, um duplo significado: o da valiosa economia de luz que representa — e isto já não é nada mau; e o do salutar e reconfortante esperimento de energias amolecidas e adormecidas — o que pode ainda valer muito mais. Festejemos, pois, a hora de Verão com todos os benefícios que em si nos traz, ainda que isso desagrade a alguns dorminhocos profissionais.

EXCESSO DE VELOCIDADE

FORAM introduzidos novos melhoramentos técnicos nos comunicações telefónicas entre Lisboa e Porto, que permitem acelerar as chamadas, ou melhor: acelerar as respostas às chamadas... A instalação de um serviço não pode deixar de prover nêlo a introdução de quantos aperfeiçoamentos o progresso revelar como possíveis e, por isso, não há senão que felicitar os C. T. T. e felicitar-nos a nós próprios. Vivemos numa época em que não sabemos esperar, habituados à nossa própria vertigem e à que nos rodeia. Morreríamos de espanto ou de desgosto se voltássemos ao tempo da mala-posta pachorrenta? A levandade de exame que resulta de hábitos adquiridos de velocidade podem fazer-nos decidir pela afirmativa. Feita a experiência, talvez sentíssemos um imprevisto resultado de alívio e de repouso. A velocidade com que tudo sabemos, recebemos, transmitimos e decidimos mal nos deixa tempo para reflectir. Quantas vezes será legítimo pensar que dessas pressas pode sair muita precipitação cujo valor o mundo paga sem saber por que preço? Quando os diplomatas não tinham telefone talvez tivessem tempo para pensar duas vezes e voltar atrás de uma decisão tomada no primeiro impeto. O telefone é o irremediável — de mais a mais com a particularidade de se poder dizer tudo sem ver a cara do nosso interlocutor. E sem êle ver a nossa...

LEMOS recentemente um artigo de Bourbon e Meneses em que êste illustre escritor, recordando Emidio Navarro e as *Novidades* se referia à colaboração de Eça de Queiroz neste jornal e de certo modo, às relações do romancista da *Relíquia* com o autor de *Quatro dias na Serra da Estrela*. Teriam sido, porém, sempre excelentes essas relações? Quando em 1889 Eça de Queiroz, ao lançar a *Revista de Portugal*, se dirigiu a Navarro solicitando-lhe um pouco de réclame para essa publicação, não se dispensou de recordar como jovialmente, anos antes, ajudara a celebrar o acolhimento obtido pelo jornal em que Navarro pontificava. Mas esta recordação talvez não tivesse tido outro intuito que não fosse, precisamente, adotar a bôca a Emidio Navarro que, supondo-se retratado numa página dos *Mais*, inscrevera Eça na lista dos seus falsos amigos. O que parece exacto, a avaliar mais tarde pelos comentários das *Novidades*, à inauguração do monumento ao romancista, é que, de certa altura em diante, alguma coisa houve entre aquêles dois homens ilustres — que esfriou as suas relações.

SOBRE a nossa mesa de trabalho, envoltas ainda no aroma picante da trinta fresca dos prelos, acabam de cair algumas pétalas das flores graciosas que se desprenderam um dia do regaço dessa rainha que foi santa e que se chamou D. Isabel de Aragão. O perfume de misticismo estranho que se evolou da sua vida, como que ressuscita ou pelo menos se renova no livro que o sr. dr. José Crespo, do Instituto de Coimbra, acaba de publicar: «Santa Isabel na doença e na morte». Conquanto a apreciação de livros esteja longe das finalidades desta secção, não resistimos ao desejo de aqui vir confessar o apreço que o livro do sr. dr. José Crespo nos mereceu: a Rainha Santa, que foi, possivelmente, das mais curiosas figuras femininas da nossa politica, tem desde hoje mais um brilhante biógrafo e comentador.

Vida MUNDIAL
Publicada

PUBLICA-SE TÓDAS AS QUINTAS-FEIRAS

DIRECTOR:
JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
EDITOR E PROPRIETÁRIO:
JOAQUIM PEDROSA MARTINS
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA GARRETT, 80-2. — LISBOA
TELEPHONE: 2 5 8 4 4

Luciano

Um pintor novo
que expôs no **S.P.N.**



Em cima, um aspecto da assistência no acto da exposição. À direita, o artista no seu atelier. Em baixo, pela ordem respectiva: o pintor João Carlos, Rossio e Praça do Bocado, em Setúbal.



LUCIANO, um rapaz de trinta anos que parece ter pouco mais de vinte, expôs agora, pela primeira vez, fora de conjuntos, em que raras vezes o mérito de um artista consegue criar vulto e destacar-se. É um moço, êste setubalense que cursou as Belas Artes, para logo se emancipar da tutela dos mestres e alongar o seu mérito em largos vôos de técnica e bom gosto. As telas que apresentou no estúdio de S. Pedro de Alcântara acusam, realmente, uma simplicidade encantadora, parecendo, às vezes, que as côres, pela subtilidade das combinações, foram utilizadas sem esforços de mistura. É daí, sem dúvida, dessa delicadeza de tonalidades, que vem um raro fenómeno: ao passo que na maioria dos quadros as reproduções fotográficas beneficiam de ajuste de contornos — à pintura de Luciano a câmara escura rouba, lambe, tudo o que é subtil e gracioso.

Nesta colecção, avultam as paisagens e retratos — mas nas primeiras preferimos o artista, cuja vista sentimos alongar-se prodigiosamente, na mais clara interpretação das coisas.

As notas que aí ficam não são, evidentemente, palavras de critica ou opinião académica: são apenas o pretexto para apresentar um pintor que é um rapaz, que se chama Luciano e que o público vai habituar-se a distinguir dos mais...

EXPOSIÇÃO DO LIVRO ITALIANO



LISBOA
1943

CADA PORTUGUÊS CONHECE DUAS LÍNGUAS: A SUA E A ITALIANA } UM LIVRO ITALIANO É UM AMIGO } FAZ-SE COMPREENDER IMEDIATAMENTE

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

17 A 31 DE MARÇO

◆ ◆ ◆ ABERTA AO PÚBLICO DAS 15 AS 20.30 E DAS 21.30 AS 24 HORAS ◆ ◆ ◆

Entre nós



EM CIMA: O baile de Carnaval realizado pela colónia espanhola de Lisboa na Casa das Beiras. À ESQUERDA: A exposição Falcão Trigo na Sociedade Nacional de Belas Artes; o pintor acompanhado de vários convidados. EM BAIXO: A expositora Elston Dias, que apresentou na S. N. B. A. uma colecção de miniaturas em esmalte. Esta artista é uma distinta discípula de Falcão Trigo.



EM CIMA: A comemoração do 55.º aniversário da fundação do Asilo-Escola António Feliciano de Castilho. Meninas cegas tiram o retrato — retrato que os seus olhos sem luz nunca verão — junto dos directores da simpática instituição que as recolhe e educa, uns antigos, outros actuais, os mrs. Eng.º Chambica da Fonseca, Luiz Neto, Braz Frazão, drs. Cortez Pinto, Matoso Ferreira e Jaime Neves e o pintor Alfredo de Morais. — À DIREITA: O Casino do Estoril durante um dos seus bailes de Carnaval.





Georgia Hale e Charlie Chaplin na inolvidável cena do cabaré, uma das passagens mais notáveis do filme «A Quimera do Ouro».

CHARLOT afligido... É o autêntico herói da horrível América... Quereria esborrachar esse ignóbil coração do Charlot, como se fosse um *perc e vejo*.

Assim falou André Suarès, «leader» dos seus detractores. Elie Fauré, por seu turno, clama em letra de fôrma: «Há mais estilo num dos gestos aparentemente insignificantes de Charlot, do que em tôdas as obras reunidas de todos os Institutos de França e de tôda a «cultura» alemã, de há cem anos para cá».

«Charlie Chaplin — dizem os Irhãos Tharaud — é judeu e todos os traços do seu *humor* trazem a marca judaica». E André Maurois afirma: «Daqui a três séculos, Charlot será o que Villon é para nós — um grande poeta arcaico!»

Poderíamos multiplicar, enchendo páginas e páginas, os conceitos e as opiniões dos escritores que o exaltam e que o deprimem. Mas êstes bastam para se aquilatar da violência da polémica e da extensão que a mesma tomou.

Até em Portugal se publicou um «manifesto contra Charlots», no momento em que o sonoro teneava os seus primeiros passos e o famoso mimo, numa obstinação feroz, declarava que nunca transigiria com semelhante modalidade cinematográfica.

Hoje, a procela que se abateu sobre o mundo cavou mais fundas as trincheiras dos que se batem pró ou contra êle. Charlie Chaplin levou para os seus filmes problemas políticos que preocupam os povos e satirizou figuras e sistemas governativos que estão em jôgo. A sua personalidade deslocou-se, assim, do campo neutro da Arte para os pendores da política. E hoje não é possível discernir, na polémica, até que ponto as tendências ideológicas turvam os espíritos — até que ponto as

palavras dos que louvam ou condenam estão isentas de outras preocupações que não sejam as de discutir um têmea de Arte.

A simples reexibição da sua «Quimera do Ouro», a dezassete anos de distância da estreia — facto êste inédito, nos fastos da cinematografia mundial — é um argumento que pesa a favor dos que vêem em Chaplin a maior figura do cinema de todos os tempos!

Está feita, há muitos anos, a crítica da «Quimera do Ouro». Bardèche e Brasillach consideram êste filme como «uma das obras mais célebres de todo o mundo e, talvez, a obra-prima do cinema universal».

Pode afirmar-se, sem receio de errar, que de tôdas as películas de Charlot é a mais perfeita. O Drama, a Comédia e a Poesia aparecem estranhamente mesclados, num todo que nos faz rir, e que ao mesmo tempo nos comove até às lágrimas.

Ípútil evocar, por conhecidas, as imagens eternas dêste filme, as passagens que ficarão para sempre na História do Cinema: a ascensão da montanha, a tempestade na cabana, a refeição durante a qual comem a bota, a dança dos pãesinhos, a noite de Natal no «cabaré», a canção dos irlandeses, etc.

Interrogado, um dia, sobre qual era a cena que preferia, Chaplin designou aquela em que Georgia Hale, no barulhento «saloon», encara de soslaio a estranha multidão que se diverte. Charlot surpreende êsse olhar e julga então que a rapariga se interessa por êle... Momentos depois, verifica que aquela mulher olha para além de tudo o que a rodeia, como se buscasse a paz e o conforto, num coração sensível, que não consegue descortinar...

Esta cena de incompreensão mútua define só por si a amargura da comicidade de Charlie Chaplin.

7 dias de Cinéma por Fernando Fragoso

amargura feita de contrastes dolorosos entre a alma terna e sensível de Charlot e o cómico revestimento da sua figura humana — entre a pureza, a candura e a ingenuidade do vagabundo sem eira nem beira e o maldoso e inhóspito mundo dos homens...

«É com pedaços da vida que faço os meus filmes» — disse um dia Charlot. E, na realidade, êles reflectem bem êsse «destino encantador e amargo» que é o próprio destino do Homem.

* * *

Há muitos, muitos anos, a América — ou, mais propriamente, as Ligas de Moral americanas — fizeram uma enorme campanha contra Charlot, a propósito do seu escandaloso divórcio de Lita Grey. As forças da opinião pública que puseram fim à carreira de Fatty ameaçavam desencadear sobre Chaplin a mesma sentença condenatória. Henri Poulaille escrevia então: «aconteça o que acontecer, Charlie Chaplin continuará a ser Charlot. Se fôr obrigado a abandonar a América, será benvindo na Alemanha, na Rússia, na França — o mundo é grande».

Catorze anos são volvidos sobre estas palavras. E agora que encontramos na tela «A Quimera do Ouro» verificamos que alguma coisa mudou — e que Charlot continua a ser o mesmo de sempre...

* * *

«A Quimera do Ouro», apresentada tal qual como há dezassete anos, apenas com o reforço da música e de breves palavras que substituem as legendas provocou no público sentimentos e opiniões contraditórias. Poucos filmes, na história do cinema, resistiriam a semelhante prova. E, repetimos, o facto, só por si, mede o seu valor.

«Charlot poderia ter feito uma nova versão», dizem alguns. Não estamos de acôrdo! «A Quimera do Ouro» é um dos mais notáveis clássicos da Arte que se chamou do Silêncio e, como tal, deverá perdurar na sua forma primitiva e pura. Quando muito, emoldurá-la nos doirados do som. Mas a imagem, deve conservar a frescura e o sabor do seu tempo.

Chaplin, afirma-se, vai reeditar, de igual modo, «O Circo». Se tal suceder, as palavras acima não poderão ser-lhe aplicadas... Porque, dentro da produção que nos deu, «O Circo» é uma obra inferior, e não vale «O Peregrino» ou «Charlot nas Trincheiras», para não falar em certas farsas de pequena metragem dos bons tempos da Essanay ou da Keystone.

«A Quimera do Ouro» é uma obra venerável. Espero que os cinco fiéis leitores desta página hajam ido ao Eden com o recolhimento de quem entra num museu, para se quedar, admirados e embevecidos, como que diante da tela de nomeada, que só nos é dado ver, ou rever, de longe em longe...

Perante «Casa de Doidos», só duas atitudes se admitem: ou se gosta dos Marx — ou não se gosta dos Marx. No primeiro caso, o espectador aplaude em «The Big Store», uma das melhores obras que o louco «terceto» nos tem dado. Se não gosta dos Marx, não há nada a fazer.

Entre a «Quimera do Ouro» e «Casa de Doidos» vai o abismo que separa Chaplin dos endiabrados irmãos. Com o primeiro, a comédia cede constantemente o passo à tragédia. Os problemas sociais, de mistura com certa misantropia, azedam, por vezes, a comicidade das cenas. Com os Marx, o caso é diferente. São os «augustos de soirée» do cinema. A sua fórmula é simples: o cómico — pelo cómico. E dentro desta orientação, não conhecem limites. Tudo lhes é permitido!

Não me consente o espaço mais larga referência à «Casa de Doidos», cuja seqüência final vale o espectáculo! Mas gostaria que todos os que me lêem pertencessem à classe dos que apreciam êstes filmes... «Je souhaite a tous ceux qui j'aime, un petit grain de folie». E quando assim falou, Voltaire estava longe de supor que a sua frase pudesse servir de prólogo a um filme dos Marx Brothers...



SEGRÊDO DE AMOR

por Maria de Figueiredo

Romance moral, romance do amor, romance para senhoras, romance para homens, romance para raparigas, romance para rapazes



COM ARTÍSTICA CAPA A CORES DE MARIA DE VASCONCELOS POSTO À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS, 15500 EDIÇÃO DA PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

Maria Matos e Milu, numa graciosa cena de «O Costa do Castelo», o novo filme da Tobis Portuguesa, realizado por Artur Duarte, e de cujo elenco fazem parte António Silva, Fernando Ribeiro, Teresa Casal, Manuel Santos Carvalho, Hermínia Silva, etc. O «Costa do Castelo» está registando no S. Luiz um verdadeiro êxito!



UMA CASA HISTÓRICA

Esta «vila» de Casablanca deverá ficar na História. É a casa onde se realizou a conferência entre os dois grandes chefes das Nações Unidas — o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha, Winston Churchill, e o Presidente Roosevelt, dos Estados Unidos.



Um grupo em que figuram a companhia do Sultão de Marrocos, alguns dos chefes militares das nações que no norte de África combatem contra «Eixo». Além dos generais Keyes e Boisson, os generais Patton e Nogués.

NO NORTE DE ÁFRICA

RUMORES DO MUNDO

Qual a missão do general Kesselring, chefe da «Luftwaffe» no Mediterrâneo, no momento presente?

A Alemanha, em vista da importância militar que adquiriu o sul da Europa, após o desembarque anglo-americano no Norte de África e o avanço do 8.º Exército até à Tunísia, concentrou na área do Mediterrâneo um quinto da sua força total em aparelhos de caça mono-motores.

Os aviões empregados os com mais insistência sobre a Tunísia têm sido os «Focke-Wulf 190» e os últimos modelos «Messerschmitt 109». A «Luftwaffe» tem, presentemente, segundo se depreende, das notícias vindas a público, as suas forças muito disseminadas. Cerca de metade dos caças estão estacionados na Europa ocupada, prontos para fazer frente à invasão aliada, logo que esta se esboce.

A outra metade dos aviões de caça encontra-se dividida entre as frentes da Rússia, Tunísia e Sicília. As centenas de caças germânicos que cperam agora contra os Aliados em África estão distribuídos apenas por sete aeródromos, dos quais só dois têm pistas de aterragem em cimento armado.

O grande problema da actual missão de Kesselring é fazer frente aos ataques das forças aéreas que fazem parte do corpo expedicionário anglo-americano desembarcado na África francesa, e às formações aéreas do general Montgomery.

Quais os motivos que levaram o general Noguès a oferecer resistência ao desembarque anglo-americano no Marrocos francês?

NUMA entrevista concedida aos correspondentes de guerra dos jornais britânicos, o general Noguès, ao ser informado de que a sua atitude inicial para com os Aliados tinha sido muito criticada nos países anglo-saxónicos, explicou as razões por que achava correcta a ordem de resistência dada às tropas francesas sob o seu comando e expôs as condições em que se encontrava, como Residente Geral francês em Marrocos, perante as autoridades alemãs, que, para todos os efeitos, exerciam certa pressão sobre a política ultramarina do Governo de Vichy.

Em vista disto, o general principiou por declarar: «Vim para África com uma única condição: os alemães comprometiam-se a não tentar a ocupação das nossas colónias. Quanto a mim, incumbia-me a missão de defender o Norte de

África contra tudo e contra todos. E para que esse acôrdo fôsse respeitado, dei a minha palavra de honra de que resistiria a todos os ataques.

«Por isso, quando se realizou o desembarque africano, não tive outro remédio senão dar ordem para que as minhas tropas se defendessem. Quando cheguei à conclusão de que era impossível continuar a combater, enviei um emissário a Vichy, de avião, para informar o Governo de que tínhamos defendido a nossa honra e que, a partir daquele momento, desejávamos colaborar na derrota dos alemães.

«A seguir, mandei chamar o general Wuledth, representante da Alemanha em Casablanca, e perguntei-lhe se via possibilidade de continuarmos a resistir com êxito.

Ele replicou que nos tínhamos batido bem, mas que achava a nossa situação desesperada. Fiz-lhe então notar o resultado de nos terem retirado as armas, depois do Armistício — e culpei os alemães do que se estava a passar.

«Se não nos tivéssemos batido, os nazis teriam vindo tomar posições aqui, pois o general Wuledth sugeriu-me o envio de tropas alemãs para Marrocos, proposta que eu rejeitei».

Em que consistiram os esforços anglo-americanos para estabelecer uma segunda frente europeia em 1942?

FORREST Davis, jornalista americano habitualmente bem informado, acaba de publicar na revista *Saturday Evening Post*, de Filadélfia, um artigo sensacional em que conta os preparativos realizados para o estabelecimento duma segunda frente na Europa.

Quando o Presidente Roosevelt e o sr. Churchill prometeram a Estaline, no dia 1 de Janeiro de 1942, criar esta segunda frente europeia, tinham em mente cumprir a promessa.

Porém, em princípios de Março — diz Davis — os estados maiores combinados comunicaram à Casa Branca e à Downing Street que não viam quaisquer esperanças de poder realizar uma invasão vitoriosa da Europa antes do Verão de 1943.

Roosevelt e Churchill — continua o jornalista americano — conferenciaram pelo telefone e convidaram os seus estados maiores a verificar e a apreciar com mais atenção os resultados a que tinham chegado. O grande problema do movimento era a navegação de transporte. Um mês depois, os chefes militares tornaram a declarar que eram contrários ao desencadeamento dum movimento frontal contra o continente europeu, antes de meados de 1943.

Em consequência disto, Roosevelt enviou o general Marshall e Harry Hopkins a Londres para

conferenciarem com os chefes britânicos e, nas reuniões ulteriormente havidas, chegou-se à conclusão de que todas as tentativas para assaltar a Europa, através do Canal da Mancha ou do Mar do Norte, em 1942, redundariam em completos desastres.

Estaline, segundo sugere Davis, ao saber isto, teria lançado a culpa deste fracasso mais sobre Churchill do que sobre Roosevelt, embora a sua atitude fôsse injustificada.

Desapontado por não poder realizar a invasão da Europa em 1942, o Presidente Roosevelt voltou a sua atenção para as possibilidades do desembarque no Norte de África.

A 18 de Junho, Churchill voltou a Washington para dar os retoques finais neste plano, e três dias depois da sua chegada à capital americana, Tobruk caía em poder dos alemães.

Churchill, porém, comprometeu-se a defender o Egipto e, desta vez, cumprir cabalmente a sua palavra.

Qual será o papel da China na organização da paz, segundo as últimas declarações da senhora Chang-Kai-Chek?

NO seu discurso, proferido numa sessão conjunta do Congresso dos Estados Unidos em Washington, a sr.ª Chang-Kai-Chek disse,

entre outras coisas, o seguinte: «Em qualquer momento, seria para mim uma subida honra dirigir-me ao Congresso norte-americano; por isso, com mais razão sinto a solenidade

CHANG-KAI-CHEK do presente acto, em virtude desta augusta assembleia estar destinada a desempenhar um papel muito preponderante na organização futura do mundo. A tarefa que primeiro temos de levar a bom termo será ganhar a guerra e estabelecer uma paz duradoura que justifique os sacrifícios e os sofrimentos das vítimas da agressão.

«Nós, os membros desta geração, que temos o privilégio de estar a cooperar na edificação dum mundo melhor para nós próprios e para a posteridade, não devemos ser apenas, visionários, mas também previdentes, ao fazer a paz, de forma que esta não seja só primitiva em espirito. Tão pouco deverá ser provincial, nacionalista ou mesmo continental na concepção, mas sim universal na intenção e humanitária na acção. E como a interdependência internacional está hoje universalmente reconhecida, é lícito perguntar-se se as nações não deveriam estar todas incorporadas numa única assembleia legislativa.

«A já tradicional amizade entre os dois grandes povos da China e dos Estados Unidos, que dura há 160 anos, nunca foi ensombrada por quaisquer divergências e não tem precedentes nos anais da história do mundo.

Posso desde já assegurar-vos também que a China está disposta e pronta a cooperar convôco e com os outros povos na organização duma sociedade mundial sã e progressiva que torne impossível a qualquer potência arrogante ou predatória envolver as gerações futuras noutra orgia de sangue.

«Nós, na China, tal como vós, queremos um mundo melhor, não para nós apenas, mas também para toda a humanidade. Não chega, contudo, proclamar os nossos ideais ou convencer-nos de que eles existem. Para os preservar, defender e manter, há momentos em que é necessário pôr de parte tudo aquilo que nutrimos nos esforços para bem cumprir os nossos ideais, mesmo com risco de fracassarmos.

«Os ensinamentos traçados pelo nosso falecido chefe, Dr. Sun Yat-Sen, deram ao povo chinês o vigor e a coragem necessários para prosseguir em tão gigantesca obra. Nestes cinco anos e meio de guerra, nós, na China, chegámos à conclusão de que a experiência nos manda não aceitar ignominiosamente o fracasso e nos aconselha a correr gloriosamente todos os riscos».

A senhora Chang é a segunda grande figura feminina da história universal que discursou no Congresso norte-americano. A primeira foi a rainha Guilhermina da Holanda.

Quais foram as individualidades militares que visitaram secretamente o Brasil, depois da conferência de Casablanca?

DEPOIS da reunião dos Estados Maiores de Roosevelt e Churchill em Marrocos, o marechal de campo Sir John Dill e tenente-general H. Arnold foram de avião à Índia e a Chung King, onde conferenciaram com o marechal Wawell e o general Chang-Kai-Chek partindo em seguida para Pernambuco, no Brasil, onde trataram com o ministro dos Negócios Estrangeiros brasileiro, de alguns aspectos da participação militar do Brasil na guerra e do fornecimento de material bélico ao exército brasileiro.

Sir John Dill é membro da Missão do Estado Maior Conjunto que tem a sua sede normal em Washington e, durante as conferências na Índia e na China, agiu como representante pessoal do Primeiro Ministro britânico.

O tenente-general Arnold desempenhou iguais funções, em nome do Presidente dos Estados Unidos. Da missão militar que acompanhou estes dois chefes militares fazia parte ainda o tenente-general Somervell, chefe dos Serviços de Abastecimento do exército norte-americano, o qual também tomou parte nas discussões com o alto comando britânico da Índia.

JOSÉ CORREIA RIBEIRO



KESSELRING



MARSHALL



CHANG-KAI-CHEK



ARNOLD



NOGUÈS



Como se orienta uma profissão

UMA VISITA AO "INSTITUTO MARIA LUIZA BARBOSA DE CARVALHO"

A escolha duma carreira sempre constituiu um problema delicado, atendendo à complexidade das exigências da vida. A profissão foi e há-de ser o eixo, à volta do qual giram os interesses do indivíduo e da sua família, porque é por meio de ela que se conseguem os elementos indispensáveis à manutenção e ao prestígio do lar.

Para decidir, porém, do futuro, nem sempre as famílias empregam as diligências mais razoáveis e mais apropriadas às qualidades ou tendências dos filhos. E, por isso, não partindo do mais pequeno estudo entregam-no ao sabor do acaso o que tantas vezes representa uma desvantagem para o indivíduo que deseja produzir trabalho consciente e ser útil à sociedade.

Em Portugal existe um organismo muito proveitoso e que presta auxílio a todos que desejam ver resolvido o problema a que nos referimos, servindo-se de bases científicas: é o Instituto de Orientação Profissional «Maria Luísa Barbosa de Carvalho», instalado no Largo da Misericórdia, no palácio onde funcionou em tempos o Comissariado dos Abastecimentos.

UM POUCO DE HISTÓRIA

O orientação profissional assenta no desenvolvimento dos trabalhos de investigação da psicologia experimental e existe na quasi totalidade dos países civilizados, tendo começado a sua aplicação, aí por 1908, nos Estados Unidos da América. Na Inglaterra foi em 1910, e quasi nessa altura, na Bélgica, na Holanda, na Alemanha, na Suíça e depois na França.

Mas é sobretudo nos Estados

Aparelho para o estudo da capacidade de coordenação bimanual

Unidos, na Alemanha e na Inglaterra que o movimento da orientação profissional mais se tem desenvolvido a partir de 1914. Na Alemanha existiam, já em 1921, nada menos de 465 institutos, número este que foi aumentando nos anos seguintes. Hoje há em certos estados um instituto por cada 10.000 habitantes.

O Instituto de Orientação Profissional de Lisboa tem a designação de «Maria Luísa Barbosa de Carvalho», em virtude de uma disposição testamentária da benemérita D. Francisca Barbosa de Andrade que doou um importante legado à Assistência Pública e determinou que se desse aquêlê nome que era o de uma sobrinha sua a quem muito queria.

Não foi possível obter quaisquer dados biográficos da bondosa doadora; no entanto, sabe-se que vivia em Paris.

Era provedor da Assistência o Dr. Lino Paulino quando foi criado

o Instituto, o qual, por decreto-lei n.º 12.012 de 25 de Dezembro de 1925, teve as suas atribuições ampliadas largamente, ficando desde então obrigado a prestar os seus serviços não apenas às instituições de assistência particular, mas também às do Estado.

Foi fundador, organizador e primeiro director do I. O. P., o eminente psicólogo e notável homem de ciência, Dr. Faria de Vasconcelos que a êle consagrou um carinho, um entusiasmo e uma actividade excepcionais.

A inauguração oficial realizou-se com uma sessão solene, em 6 de Julho de 1926 a que presidiu o general Gomes da Costa, então Chefe do Estado.

O actual Presidente da República, general Carmona, também visitou o Instituto na sua primeira instalação e manifestou o maior interesse pelo que viu, mostrando-se maravilhado com a delicadeza e perfeição da aparelhagem.

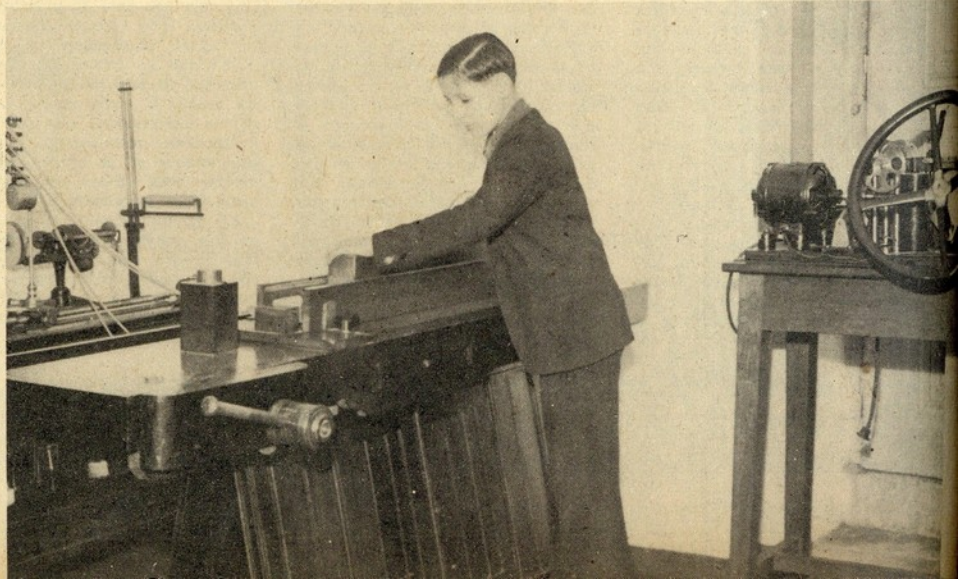
OBJECTIVO E CARACTERISTICAS

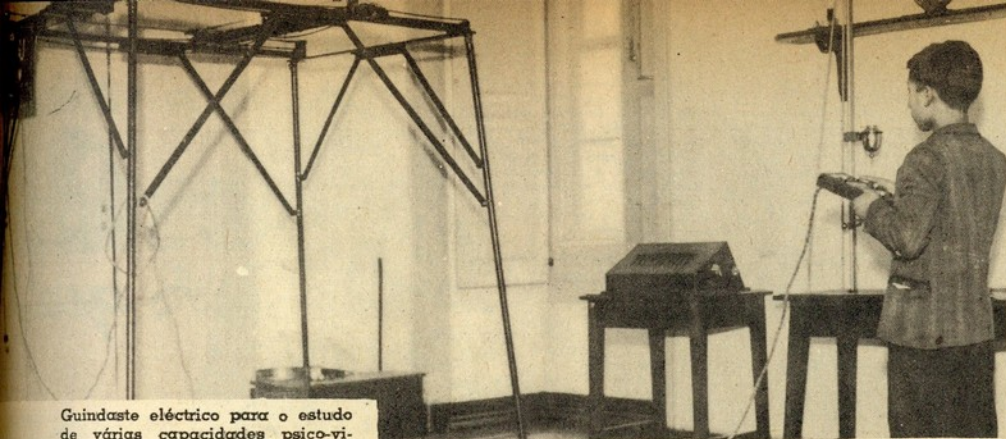
A finalidade principal do I. O. P.,

é orientar os individuos de ambos os sexos, que a êle recorrem, para a profissão ou grupo de profissões que mais convenham às suas tendências e aptidões físicas e mentais.

Para isso, procede ao estudo completo e minucioso das suas capacidades por intermédio de processos científicos. Realiza também exames de selecção profissional (escolha do individuo para a profissão) e exames de selecção mental. Procede, ainda, ao estudo das condições económicas, sociais e técnicas das actividades profissionais. Trata, em resumo, de conhecer o orientando e as exigências das profissões, para assim poder indicar, com segurança, aquêlê, a profissão que mais convém à capacidade por êle revelada.

O exame da orientação profissional tem por fim diagnosticar as aptidões para se escolher a profissão para o individuo. No de selectivo eléctrico para apreciar os desvios no trabalho da plaina. Um quimógrafo registador grava os desvios que são representados por quatro diagramas





Guindaste eléctrico para o estudo de várias capacidades psico-visuais

ção profissional, tem-se em vista escolher o indivíduo para a profissão.

O exame de selecção mental indica o nível mental do indivíduo, o grau do seu desenvolvimento intelectual, o seu «centil», isto é, o lugar que ocupa numa escala de cem indivíduos. Este exame permite ainda determinar o cociente intelectual e a idade mental, que nem sempre coincide com a idade cronológica.

Por meio deste exame, é fácil, por exemplo, organizar cientificamente as turmas nos liceus, escolas industriais e comerciais, etc., dividindo os elementos em quatro grupos, segundo o seu nível mental, o que é de grande vantagem para o rendimento do trabalho de professores e alunos.

O EXAME DOS ALUNOS

A visita que ali fizemos, ultimamente, foi o complemento duma outra realizada há tempo.

Desta vez, e previamente autorizados pelo actual Director, o Prof. Dr. Oliveira Guimarães, prestigioso Jente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, acompanhámos o exame de alunos duma escola primária oficial do Bairro Alto, e tudo nos foi exposto, pormenorizadamente, pelo professor Manuel Subtil, muito considerado autor de obras didácticas e figura destacada no magistério. Pelo que ele nos informou e pelo que observámos, é curioso notar que as crianças — e até alguns adolescentes — não fazem idêa da profissão que dizem querer seguir. No interroga-

tório a que todos são submetidos, para se inquirir das suas preferências e do motivo delas, as respostas dadas confirmam a afirmação que fizemos. Eis algumas, entre muitas: empregado no comércio — por estar sempre a escrever; carpinteiro — porque foi o ofício de Nosso Senhor quando era pequenino; torneiro — porque é o trabalho de fazer torneiras; electricista — porque no seu trabalho entra a electricidade, etc.

— Porquê?
 — Porque o meu pai é fogueiro.
 — E tu? — dirigimo-nos a outro pequeno de feição agaiatado.
 — Sou José, e desejo ser condutor de máquinas da armada.
 — Tens algum marinheiro na família?
 — Não senhor. É que eu gosto muito do mar.
 — E aquele?
 — Chamo-me António e quero ir para a aviação.



O professor Manuel Subtil dirigindo uma prova

Dos rapazes que tínhamos na frente, uns vinham bem arranjadinhos, penteados e asseados; outros mais simplórios, com os cabelos em desalinho, etc.
 — Vem cá tu. Como te chamas?
 — António.
 — O que desejas ser no futuro?
 — Maquinista dos combóios.

Aparelho para apreciar a memória muscular



— Civil ou militar?
 — Daquela que é para combater.
 — Bravo. E tu?
 — Sou Carlos e desejo ter a carta de motorista.
 — E o que está ao teu lado?
 Esse. Dize:
 — Sou Waldemar e não tenho nada em vista!
 Uma grande parte dos pequenos respondeu que queria ser serralheiro mecânico, porque... nêsse ofício se ganha bom dinheiro.

O FUTURO DAS CRIANÇAS

O Instituto tem realizado vários trabalhos de investigação experimental e publicado não só o resultado dessas investigações como algumas monografias das profissões mais correntes entre nós.

Publica, além disso, um boletim por meio do qual se pode avaliar um pouco, o que tem sido o labor deste estabelecimento científico que honra o nosso país e que tão úteis serviços tem prestado nos seus quasi dezoito anos de existência.

Temos presente o último número

dessa importante publicação em que o Prof. Dr. Oliveira Guimarães pôs o melhor do seu cuidado e inteligência.

Folheámos o volume, e, em determinada altura, encontrámos uma larga e judiciosa referência a um primoroso artigo da autoria duma escritora ilustre que utiliza o pseudónimo de Maria Lúcia. O trabalho referido versa a escolha da profissão e o aproveitamento da vocação ou habilidade de cada um. Ali se lê o seguinte: «Quantos péssimos advogados seriam esplêndidos engenheiros! Quantas más professoras seriam admiráveis modistas!» E quantos, na sombra, a lutar, a deixarem-se vencer, sem atingirem o posto que ocupariam brilhantemente e que só não podem alcançar porque outros o ocupam indevidamente sem valor e sem amor!».

Que fundo de verdade encerra o pensamento daquela senhora!

O que vemos por aí, em tantos casos, é precisamente o desencontro de aptidões nos variadíssimos ramos da actividade social. E, assim, é frequente saber-se de indivíduos que gozam de bons e rendosos lugares para que não prestaram a mais pequena prova certificadora dos seus conhecimentos. A sua mentalidade deu-lhes para caçar um emprêgo. Em contra-partida, há outros que passam uma vida de privações, embora disponham de diplomas, de habilitações várias e até o bachare-



A agudeza auditiva tem um aparelho especial para ser medida

lato, a par de grandes qualidades de trabalho.

Uns cobram pingues ordenados sem mexerem uma palha, e outros esfalfam-se num labutar continuo sem punca se livrarem das garras dum doloroso «déficit», apesar de viverem económica e morigeradamente.

Aquêles bafejados pela fortuna nunca necessitaram de passar pelas salas do Instituto de Orientação Profissional porque os «testes» já levavam as respostas precisas nas cartas de empenho!

JOSÉ LUIS RIBEIRO

Foi cerimônia excepcional a do auto de colocação da pedra fundamental, assinado com a pena de ouro, cravejada de brilhantes, que os portugueses do Brasil haviam oferecido ao visconde de Castilho. Lá no fundo, bem no alto, dorme o cofre de mármore, pelas próprias mãos do rei colocado. Protegido pelo mármore, está o cofre de prata que tem dentro o pergaminho em que foi lavrado o auto, e ainda, moedas de ouro e de prata. A partir desse momento, Lisboa poderia contar com a certeza de que teria um monumento a ilustrar a memória do Príncipe dos poetas — um monumento que só alguns anos mais tarde, por ocasião do 3.º centenário do seu nascimento, havia de ser inaugurado com luzimento inougar.

Monumentos da cidade Os homens que Lisboa distingue

Esse ministro que um dia mandara erguer um monumento em honra de seu amo e que fosse, de algum modo, um padrão da sua própria obra — teve um dia, afinal, a consagração, pela pedra e pelo bronze, que o seu mérito requeria. Os homens nem sempre são egoístas e ingratos. Pombal tem hoje o monumento que o seu gênio merecia: Portugal e a cidade pagou-lhe magnanimamente a dívida que contraira, ao gozar de tanto benefício que a sua alavanca de Primeiro Ministro decretara. Há mais de dez anos que o grande monumento ao Marquês se ergue à custa de subscrição pública, na mais linda artéria da capital — a única linda artéria que ele se esquecera de abrir, no seu plano gigantesco da reconstrução de Lisboa...

Não se pode dizer que no caso se andou à procura de pouso para pôr o monumento... Pombal fez a Praça do Comércio, ao reconstruir Lisboa, para erguer a estátua equestre do seu rei e senhor D. José, que Machado de Castro havia de modelar e Bartolomeu da Costa havia de fundir. Citemos, particularmente, este fundador que era tenente-coronel do exército e que fez, entre nós, obra nunca vista em todo o mundo: fundir, unidas, as duas peças de cavalo e cavaleiro. O bronze que foi preciso derreter era tanto, que não havia caldeirão que chegasse; e a quantidade de cera que formava o corpo que havia de ser fundido era tanta — que os cerebros fizeram grossa especulação, aumentando-lhe quatro vezes o valor!... O monumento, que era de certo modo uma gentileza de amigo reconhecido com que Pombal queria brindar o rei confiante no seu poder — inaugurou-se no dia em que D. José fez 60 anos e foi motivo de festas nunca vistas.

Ah! não, ao lado do Mercado 24 de Julho Homem de Estado e homem de guerra, mereceu de Luiz Brêmas a ideia da construção de um monumento, ainda em vida do Marquês Luiz Soriano, no próprio dia em que desca sobre a vida do herói a máscara da morte, e dois anos depois da morte de Brêmas, escreveu o «Diário Popular» que era para erguer-se o monumento que unisse para sempre presente a memória do apóstolo da emancipação de escravos. E o monumento inaugurou-se, realmente, a 31 de Julho de 1884, erguido com o dinheiro do povo que o amava.

Às vezes, as coisas como as pessoas não nascem em horas felizes... Tinha-se pensado em erguer um monumento a D. Pedro IV — esse rei galante e intemerato que deixara o seu Brasil para lutar os portugueses do odio mitológico. Nomeara-se, para isso, uma comissão, Rosário, surgiu o projecto e, na terra, ali no Risco, como tal foi chamado. Parecia um galhetado. Foram nomeadas outras comissões, humilhadas novas verbas e aplicadas a outras finalidades as pedras, quando D. Pedro IV e D. Estefânia se casaram, quando D. Pedro para o levantamento de uma coluna, como a de Trajano, quando D. Luiz se casou. Depois, foi demolido o galhetado que não boas piadas tempo-raras. Abriu-se concurso entre russos, franceses, ingleses, holandeses e italianos — saindo a França vencedora. D. Pedro IV tinha, finalmente, o seu monumento...

Um dos mais novos — o penúltimo — monumento inaugurado em Lisboa. António José de Almeida, o demagogo, homem que arrastou multidões com o seu verbo quente e emotivo, também mereceu o reconhecimento da cidade. É a única figura da República que Lisboa elegeu para exprimir amor e compreensão pelo ideal que ele tão honradamente defendeu como Chefe de Estado e como político.

LISBOA, tão rica em perspectivas e de tanta beleza natural, não se pode gabar dos seus dotes de arquitetura, postos em construções monumentais. O que existe é pouco, e esse é bom rareia. E isto, em parte, porque a cidade arrancaram a ideia de beleza arquitectónica: Lisboa, realmente, tem sido vítima de muitos motivos de arquitectura fincica, árabe e mesmo lusitana. Quem nos visita logo sente a desolação da ausência de grandes e belos monumentos, índice, de algum modo, de falta de bom gosto de um povo, reflectidos nas «élites» de quantos sabem para dirigir a sua cidade. Na verdade, nos dez monumentos que produzimos, nem sempre o bom gosto é motivo de boa vontade na crítica que existe. Eles têm o mérito, entretanto, de assegurar, pela perpetuidade da pedra e do bronze, na maior parte dos casos, algumas figuras que Lisboa elegeu dignas representantes da nossa História.

Sem dúvida, faltam aqui muitos dos honras à cidade, nenhuma mulher pareceu digna de monumento, pois só uma aparece como elemento decorativo... — que Lisboa não deveria deixar esquecidos. E muitos dos que aí estão — Camões, por exemplo — ainda guardam a hora de lhe ser levantada, pedra sobre pedra, a síntese do que representaram na vida nacional...

Onde tem Lisboa uma Filipa de Vilhena estimbolize, não tanto em si, o gesto de 1640 — mas que personifique o papel da mulher na construção do mundo português? Onde está o monumento D. João II e ao Infante de Sagres, aos homens que restauraram a nacionalidade, e mais longe, àquele que fundou essa mesma nacionalidade conquistou Lisboa aos mouros? A rainha D. Leonor, a Garrett, depois do teatro que fundou, escritores, generais — e pintores, os pintores portugueses da escola de Viseu, de Tarouca e do Sardoal?...

São dez os grandes monumentos que existem como homenagem a figuras do passado e nelas reviver. Faltam, igualmente, os monumentos da Guerra Peninsular e dos Restauradores, a pequena jóia que é a Verdade a desprezar-se da consciência do Eça, o busto de Pinheiro Chagas, o de Rosa Araújo — e os símbolos de adesão e de força.

Mas, se o não fizemos, foi precisamente por, pelas suas proporções, não atingiram, na maior parte dos casos, a altura daquelas que ficaram a perpetuar modestamente — modestamente em relação ao tamanho, está claro...

Pedro Alvares Cabral, ainda envolto naquela funda interrogação — acaso feliz ou descoberta contada? — da aportada ao Brasil, não tinha ainda um monumento nesta cidade que um dia o vira partir, entre alborçado e confiante. Entretanto, os portugueses residentes no Brasil tinham-lhe erguido no Rio — a um canto florido do Jardim da Glória — um monumento grande e de bom gosto. Igual a esse brasileiro, feito com o bronze dos velhos canhões das conquistas portuguesas no Brasil, foi feito este que também se acolheu à sombra das árvores, junto do Jardim da Estrela. Foi construído no Brasil e todo transportado para Lisboa, onde foi erguido, por ocasião das Comemorações Centenárias — e é uma oferta do Governo Brasileiro.

Naquele dia 18 de Fevereiro de 1909, Lisboa precipitou-se para a grande praça fronteiriça aos tapetes arrelvados da Rolândia. Marchava ao som do Hino de Saldanha, o mesmo que se ouvira naquele outro dia de Maio de 1851, quando o grande Marechal entrara em Lisboa, triunfante das Campanhas da Liberdade, lá inaugurou-se o monumento que Ventura Terra ideara, com Tomaz da Costa na construção escultórica. O braço esquerdo apontando o horizonte largo da Liberdade, o manto trapado garbosamente, foi assim que Lisboa viu e sentiu nesse dia aquele que porventura maior contribuição prestou ao bem-estar do povo.

Também Afonso de Albuquerque, o dominador das Índias e o Governador austero mereceu ser distinguido pela cidade que, de frente do mar que ele amou e venceu, lhe quis erguer um monumento, porventura o mais delicado e trabalhado que aqui temos. A sua construção é também das mais modernas e quando a estrada marginal for um facto consumado, todos os que somos de cá e os que veem de fora, cumprimentarão de passagem o homem de vontade férrea, no caminho para os casinos da Costa do Sol... Ele é o último monumento da cidade — mas bem se pode dizer que acompanha à porta o turista com o mais belo sorriso de que é capaz um marítimo e guerreiro!...

Quando em 1877 fazia 44 anos que o grande Duque da Terceira tinha entrado em Lisboa, à frente das tropas constitucionais do seu comando — descerrava-se, pela mão de Sua Majestade, na velha Praça dos Remolares, o monumento ao Duque da Terceira que avultava, lá em cima, na habitual atitude serena, expressivo simbolismo de um homem que amou o povo e defendeu os legítimos direitos da nação...



CALCADA DA GLÓRIA

A MANEIRA DE...
RAMADA CURTO

HA tempos entrou-me no escritório certo amigo meu, uma figura do nosso meio, pessoa ótima, estupidamente lançada. Conversámos. A certa altura, falámos de teatro. E, de repente, esse meu amigo dirigiu-me um olhar muito esperto, muito vivaracho, muito dèle — ele diga-se de passagem é uma «simpatia de rapaz», como agora usa dizer-se — e expandiu, nestes termos:

— Tu não «realizaste» ainda, Ramada. Tu precisas de «realizar»...

Acrescentou mais umas coisas enigmáticas e foi à sua vida. Eu, confesso, — que esta me docu. Não realizo? Eu não realizo? E eu que julgava o contrário. Porque, enfim, eu sempre pensei que tinha realizado. Os próprios críticos, literários ou dramáticos, já mais tiveram a crueldade de dizer que eu não «realizava». Pois ouvi-o de alguém que é «alguém» no nosso meio. A glória alheia, de bronze ou de lata, eu não tenho, nunca tive a pretensão de misturar-me. A minha popularidade teatral flutua — como os balões. Não peço, nem pedirei nada à Posteridade porque não gosto de relações com senhoras de idade. Mas afirmar-se na minha cara que eu não «realizo» exige um desmentido formal. Agora é que vão ver, meus ilustres coevos, o que é um homem «realizar». «Realizar», o que se chama «realizar» é por exemplo, a «Electra», não é? Tem 14 actos, nem um mais, nem um a menos. Pois eu vou dar-lhes uma revista em 82 quadros, ali à preta, com 800 fatos, coristame em barda, apoteoses, coisas fantásticas — e depois se alguém, mesmo meu amigo que seja, afirmar que eu não «realizo» — então só me resta, travar da banza e cantar, liricamente, numa saídade violeta:

Chorai, talentos, chorai,
Qu'isto anda muito por baixo:
O Ramada bateu asas
E foi, de vez, pró Cartaxo!

A VIÚVA ALEGRE

UMA noite em que se representava «A viúva alegre» no Coliseu, encontrámos no átrio um escrivão da Boa-Hora.

— Que lhe pareceu a Viúva? — perguntámos.

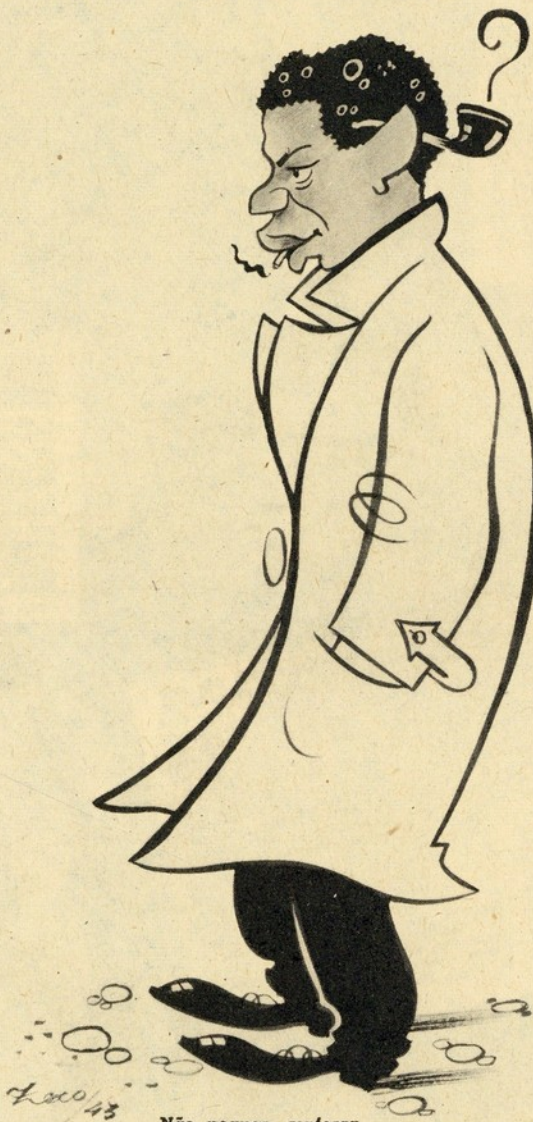
— Não me interessou. É uma viúva cujo marido não deu lugar a inventário...

RAÚL FERRÃO

O maestro Raúl Ferrão colecciona aves. Há dias, sentindo-se mal das vísceras foi tirar uma radiografia. Espanto do nosso maestro quando o radiologista (que não sabia da colecção) lhe diz, ao examiná-lo:

— V. Ex.ª é um caso raríssimo. O seu figado tem a forma dum bico de passarol!

O ESCRITOR MÁRIO DOMINGUES



Não negues, confessa,
Que tens certa pena
De teres vindo ao mundo
Com a face morena.

Mas negro que fosses
Da côr do tição,
Amavam-te, sim,
Que o negro — é carvão!

Não penses mais nisso
Deixa essa tragédia
Moreno é o António
De Vargas Herédia!

Vê lá depois disto
Se ainda tens pena
De teres vindo ao mundo
Com a face morena!

CARESTIA DA VIDA

NUMA revista recentemente estreada anunciou-se que um dos autores seria o «senhor Ceia Fernandes». No cartaz, porém, tal nome não figura. Inquirida a causa, responderam-nos, em côro, Anibal Nazaré e António Cruz:

— Como os géneros estão a subir cada vez mais já não há «Ceia»...

ARITMÉTICA

QUIEM duma dúzia de laranjas tira 12 quantas ficam? — perguntou um professor a um aluno de nove anos.

— Fica uma — respondeu o peiziz.

— Uma?
— Então, aqui em Lisboa, uma dúzia de laranjas não são 13?

UM AUTO.. SEM GASOLINA

A propósito do «Auto do Boticário» que Silva Bastos e o autor destas linhas escreveram para o Teatro do Povo e cuja edição acaba de sair, envia-me o conhecido escritor teatral Lourenço Rodrigues os seguintes versos cuja ironia se reveste dum affectuosa camaradagem:

*Eu, por mim, poeta incauto,
Dou-lhe um abraço efusivo,
Pela arte peregrina
De ter construído um «Auto»
Que corre ligeiro e vivo,
Sem precisar — gasolina...*

NA Parceria António Maria Pereira foi, há dias, recebida uma carta dum cliente encomendando vários livros. Em «post scriptum» dizia-se: «Peço o obséquio de me informarem, caso não tenham recebido esta carta».

PROSA CLARA

DUM dos nossos diários recortámos este pequeno trecho modelar de clareza: «João de Deus e Teófilo foram grandes amigos. Trazer a público — tanto mais que nesse Museu algumas, e admiráveis, estavam guardadas — reliquias dessa amizade, era acto de praticar, por oportuno, e pelo prazer que se dava com ele — como se dá — aos muitos amadores dessas curiosidades e preciosidades».

Perceberam? Também eu.

JUNOT MARECHAL

O sr. conselheiro Basílio da Veiga, espírito de invulgar cultura, escreve-nos dizendo que, ao contrário do que afirmámos numa destas páginas, Junot nunca tinha sido marechal de França. Se é certo que Napoleão apenas o promoveu a general, nós promovêmo-lo a marechal. Este pormenor histórico é que o sr. conselheiro Basílio da Veiga ignorava!

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES

MARECHAL GOERING

A segunda figura política da Alemanha, depois de Hitler, o chefe supremo das forças do ar do Reich, que segundo as informações telegráficas dos jornais se encontra presentemente em Roma.

(Caricatura de SANTANA)



Salónica

Teatro de operações da futura segunda frente?

por Carlos Ferrão

O correspondente do «Daily Telegraph» em Iztambul transmitia, há dias, ao seu jornal a seguinte notícia, que embora não constitua uma novidade absoluta, vale a pena referir e comentar:

«Informações recebidas directamente da Grécia mostram que os últimos desenvolvimentos da guerra criaram um grande nervosismo nos meios do Eixo que começam a encerrar, muito seriamente, a possibilidade de um desembarque dos Aliados nas costas do sul da Grécia. As preocupações daquelas potências dizem especialmente respeito à região compreendida entre Salónica e Alexandropólis. Os alemães, em virtude disso, ordenaram já a evacuação da região de Salónica pela população civil. Combóios cheios de tropas e de material de guerra passam incessantemente em direcção à Macedónia. Pode dizer-se que a estação de caminho de ferro de Salónica é, presentemente, a mais movimentada de toda a Europa. Ao longo da costa macedónica, estão a ser construídas fortalezas, apressadamente. A ansiedade das potências do Eixo manifesta-se de várias maneiras tendo sido especialmente restringidos os movimentos da população local. Foram proibidas, nos cafés e recintos de reunião, as conversas sobre assuntos que se relacionem com a guerra. Em Salónica houve, ultimamente, várias execuções, tendo as autoridades religiosas intercedido, em vão, a favor dos condenados».

Voltaremos nós a ver nesta guerra a frente de Salónica, que tão importante papel desempenhou na conflagração de 1914-1918? A pergunta tem inteiro cabimento, numa hora em que, por toda a parte, se fala no estabelecimento de uma segunda frente na Europa. O presidente Roosevelt, num dos seus últimos discursos, aludiu claramente à criação próxima dessa segunda frente, nada revelando, porém, sobre o local onde possivelmente ela viria a ser estabelecida. Atirando para o público com vários nomes de uma possível localização, o presidente dos Estados Unidos quis significar que se trata de um segredo de guerra, ciosamente guardado pelas autoridades militares. A Holanda e a Noruega, a França e a Sardenha, a Sicília e os países balcânicos foram apontados como locais possíveis de um eventual desembarque

das Nações Unidas no continente europeu.

A viagem recente do Primeiro ministro da Grã Bretanha à Turquia, os acontecimentos registados na Bulgária, na Roménia e na Grécia, os quais indicam a existência de um estado de inquietação latente, e a continuação da resistência das tropas do general Mihailovich na Yugo-Eslávia contribuíram, poderosamente, para dar aos Balcans, e de maneira especial a algumas das suas regiões de incontestável significado estratégico, uma actualidade nova.

Durante a última conflagração, o desembarque das tropas aliadas em Salónica marcou o início dum período novo na luta. Depois do desastre dos Dardanelos, o comando anglo-francês reconheceu a necessidade de não perder uma posição que lhe garantia a possibilidade de organizar, em determinado momento, uma segunda frente na Europa.

Nem todos os chefes militares e políticos se manifestaram, porém, de maneira unânime, quanto às vantagens de escolher a zona estratégica de Salónica para esse efeito. Assim, a paternidade da criação da frente de Salónica tem sido o objecto de muitas controvérsias. Praticamente sabe-se que Gallieni e Franchet d'Esperey, entre outros generais franceses, advogaram a sua necessidade e que Joffre se manifestou contra ela. Clemenceau combateu-a arduamente, antes e depois de haver tomado conta da direcção do governo em França. Briand foi o defensor entusiástico da frente de Salónica.

Depois do malogro da expedição dos Dardanelos, Briand tratou o caso em conselhos de ministros e procurou que ele fosse resolvido satisfatoriamente. Não o conseguiu, porém, imediatamente, mas nem por isso deixou de continuar a sua campanha a favor daquela idéia.

Em Outubro de 1915, a Bulgária declarou guerra à Sérvia dando assim a sua adesão à causa das potências centrais. Os franceses e ingleses foram em socorro dos sérvios ameaçados e foram derrotados no Strumitza. As necessidades criadas pela evolução das operações obrigaram-nos a retirar sobre Salónica e a fixar-se nesta cidade. A partir desse momento, estabeleceram um controlo estreito sobre os portos gregos que passaram a utilizar. O que depois se passou é mais ou menos conhecido. A rivalidade entre o rei Constantino da Grécia e o mais influente e conhecido homem de Estado deste país, Venizellos,

entrou numa fase aguda e a causa dos Aliados sofreu bastante com esse facto.

Entre Fevereiro de 1915 e Outubro de 1918, pode dizer-se que a idéia da frente de Salónica foi mais um pretexto para discussões e um motivo para se exacerbarem certas rivalidades, do que um tema militar para ser tratado com uma visão exacta das realidades e das necessidades da causa aliada.

O general Sarrail foi o primeiro comandante do exército aliado do Oriente, sob cujas ordens se encontrava o campo entrincheirado de Salónica. Em Novembro de 1916, os Aliados conseguiram conquistar Monastir, em condições excepcionalmente vantajosas. Durante cerca de dois anos de esforços incessantes, o general Sarrail conseguiu criar a frente da Macedónia, servida por uma rede de estradas de mais de quinhentos quilómetros; melhorou o sistema ferroviário local, procedeu a levantamentos topográficos, numa palavra, desbravou o caminho que mais tarde havia de ser percorrido pelas tropas vitoriosas da Entente.

Em 1917, Sarrail foi chamado a França, tendo sido a sua acção vivamente criticada. O general tinha uma acentuada propensão para se ocupar dos assuntos políticos e essa circunstância não deixou, certamente, de influir nas censuras de que foi objecto. Para o substituir, foram escolhidos sucessivamente os seus camaradas Guillaumat e Henrys, os quais permaneceram pouco tempo no desempenho daquelas funções. Finalmente, a nomeação do general Franchet d'Esperey, em Junho de 1918, marcou o início da movimentação da frente da Macedónia ou, como ficou mais geralmente conhecida, da frente de Salónica. O exército aliado do Oriente, colocado sob as suas ordens, tinha já nessa altura efectivos que totalizavam cerca de quinhentos mil homens, magnificamente armados e equipados.

Em 1 de Julho, Franchet d'Esperey recebeu ordem de atacar e de procurar liquidar o exército da Bulgária, como operação indispensável para abalar a resistência dos Impérios Centrais. Em 15 de Setembro, o exército aliado do Oriente alcançava o seu primeiro êxito decisivo e em fins daquele mês os búlgaros, derrotados e desmoralizados, capitulavam. Os Aliados tinham desimpedido o caminho do Danúbio. Em 3 de Novembro, oito dias antes da

assinatura do Armistício com a Alemanha, a Austria assinava um armistício separado que permitia utilizar noutro teatro de operações o exército aliado do Oriente. Em Berlim compreenderam a extensão da ameaça militar que passara a impender sobre o território alemão e foi essa, certamente, uma das razões principais, senão a principal razão, que levou os alemães a pedir a paz.

As razões que tornam possível a criação de uma segunda frente em Salónica, caso os Aliados pudessem fazer um desembarque com êxito nas costas do sudoeste europeu, são geralmente conhecidas. O litoral da Grécia, dado o seu carácter recortado, dificilmente poderá ser fortificado nas condições de segurança que, por exemplo, se verificam em outros pontos da Europa, especialmente na França e na Noruega. O pórtio de Salónica está no termo do caminho de ferro que liga directamente a Grécia a Belgrado e ao sistema ferroviário da Europa Central. Esta linha de caminho de ferro tem uma importância estratégica capital, no caso de um ataque dos Aliados ao continente europeu, pois representa o caminho mais curto e mais seguro que conduz aos grandes centros de produção das potências do Eixo. A existência de um exército que na Yugo-Eslávia continua a combater os exércitos daquelas potências representa uma vantagem incontestável. Se pudessem estabelecer uma ligação eficaz com as tropas do general Mihailovich os anglo-americanos teriam singularmente facilitada a sua tarefa, depois de realizado o desembarque.

É certo que a estas vantagens correspondem inconvenientes também notórios. As nações do Eixo vigiam estreitamente a zona do continente onde poderia ser tentado, com probabilidades de êxito, o desembarque anglo-americano no sueste europeu. Salónica é, como acaba de confirmar o correspondente do «Daily Telegraph», em Iztambul, uma zona de guerra onde as medidas de precaução assumiram uma intensidade talvez única. Não haveria, portanto, qualquer espécie de surpresa e um desembarque, bem como as operações complementares, só poderiam realizar-se à custa de sacrifícios talvez excessivamente pesados para os resultados previstos.



a Exposição

DE OLEOS, TEMPERAS,
AGUARELAS E DESENHOS

DE ALBERTO
CAPUCHO
E JORGE
PINTO

Pintor Alberto Capucho

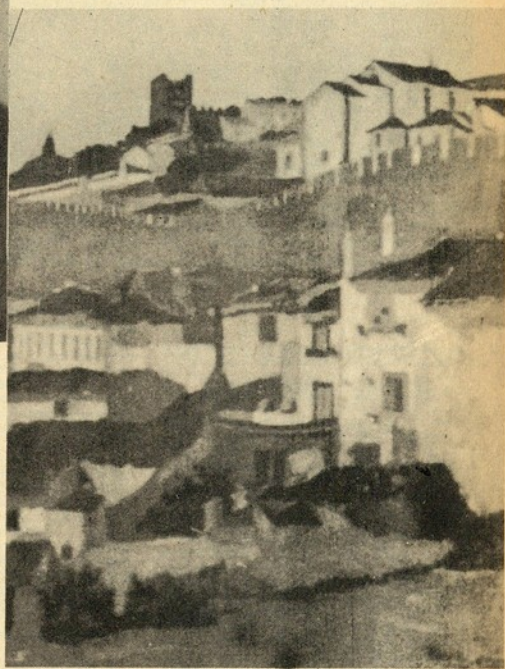
Na Sociedade Nacional de Belas Artes estiveram expostos trabalhos de Alberto Capucho e de Pedro Jorge Pinto — óleos, têmperas, aguarelas e desenhos. São cerca de cinquenta quadros que a crítica apreciou e pôs em destaque.

De Capucho salientou, entre outros, os quadros «Jardim Público» de Tomar, «Casa Antiga» e «Aldeia» (Beira Alta). De Pedro Jorge Pinto notou o «Castelo da Feiras», «Doca de Alcântara», «Jardim do Mosteiro», «Torre do Queilhas», «Reparação a bordo» (Doca de Alcântara) e «Depois da chuva» — uma têmpera.

Distinguiu ainda a crítica de arte os desenhos de paisagem e de trechos arquitectónicos — como o que representa o «Chafariz da Feira» — de Jorge Pinto.



Pintor Jorge Pinto

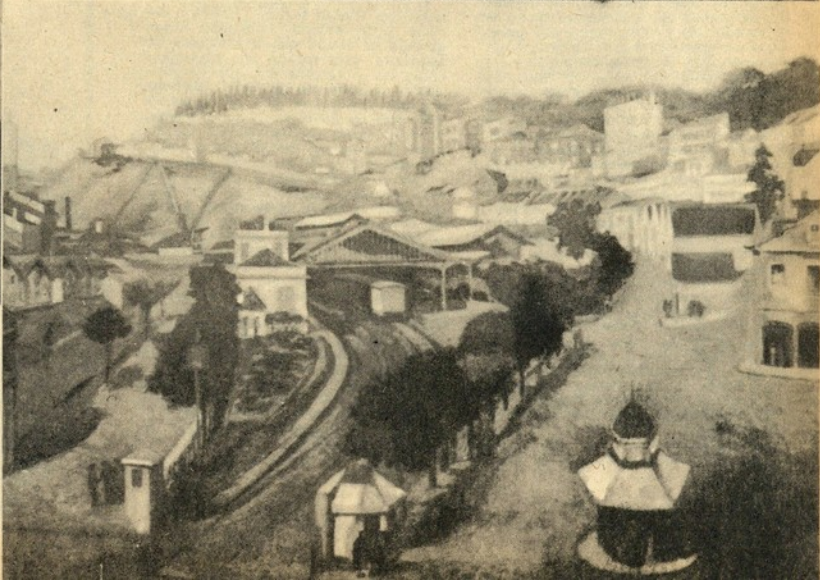


«Trecho de Óbidos» — têmpera de Jorge Pinto



«Alcântara» — quadro de Alberto Capucho, adquirido pelo Estado

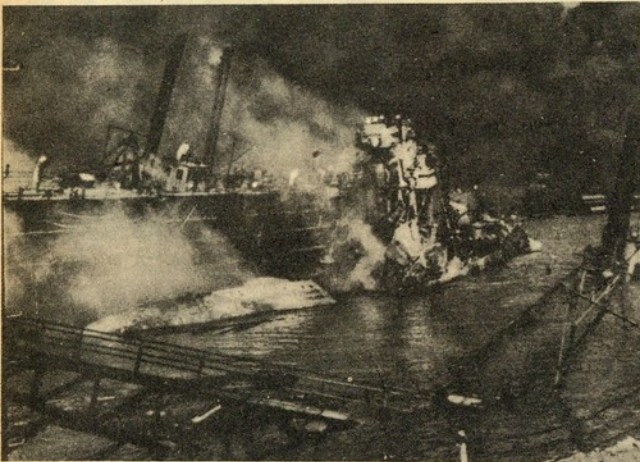
«Vale de Alcântara» — óleo de Jorge Pinto



HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XVIII - A ofensiva japonesa



Aspectos gráficos do fulminante ataque japonês a Pearl Harbour, com que se deu início à guerra nipo-americana. Nesta foto vê-se o «destroyer» «Schaw», da marinha dos Estados Unidos, posto de chamusgas depois do ataque da surpresa da aviação nipônica.

3

OS RESPONSÁVEIS DE PEARL HARBOUR

ANTES de prosseguir na narrativa dos acontecimentos que se produziram no Extremo Oriente e no Pacífico, os quais haviam de exercer uma influência decisiva no decurso das hostilidades, convém referir os resultados a que chegaram as autoridades americanas encarregadas de proceder a uma investigação rigorosa sobre as condições em que se desenrolou o desastre de Pearl Harbour. Se dessas investigações não resultaram medidas irremediáveis contra alguns dos principais responsáveis do desastre, verificou-se que os dirigentes norte-americanos, pela aplicação oportuna de uma série de sanções bastante severas, manifestaram a sua decidida vontade de não permitirem que, de futuro, viessem a repetir-se faltas semelhantes. Essas faltas não produziram apenas consequências que, sob todos os pontos de vista, devem considerar-se lamentáveis para os Estados Unidos; reflectiram-se na condução geral da guerra, que, pode agora afirmar-se sem receio de desmentido, viu a sua duração prolongada sem vantagem para ninguém.

Depois da viagem ao local onde se haviam ocorrido aquéles lamentáveis acontecimentos, do Secretário de Estado para a Marinha, Frank Knox, e das revelações feitas depois do regresso deste ao seu país, tornou-se evidente que a opinião pública norte-americana não suportaria quaisquer delongas na averiguação rigorosa das responsabilidades e no castigo severo dos culpados.

A existência destes não oferecia dúvidas para ninguém, como nenhuma dúvida subsistiram, a partir de determinado momento, quanto ao grau extremo da sua culpabilidade. Reconhecendo a importância do movimento de opinião que se desenrolava com uma intensidade crescente, o presidente Roosevelt anunciou, logo em seguida ao regresso do Secretário de Marinha, o seu propósito inabalável de proceder com a maior energia contra os culpados por faltas de ordem profissional ou simplesmente por negligência no desempenho dos seus cargos, dos quais dependia, fundamentalmente, a segurança nacional. Esta resolução foi recebida com aplausos unânimes em todos os sectores da opinião pública norte-americana, tanto entre os partidários como entre os adversários do presidente.

A COMISSÃO DE INQUÉRITO

O sentimento de confiança manifestado, logo que se tornou pública a decisão do Presidente, aumentou ainda quando se soube que a comissão de inquérito encarregada de investigar sobre as condições em que se produziu o incidente de Pearl Harbour era presidida pelo juiz do Supremo Tribunal de Justiça, Owen Roberts, uma das mais categorizadas e respeitadas figuras da magistratura norte-americana. A comissão de inquérito ultimou rapidamente os seus trabalhos, os quais foram dados por findos antes mesmo de terminar o mês de Janeiro, sendo tornados públicos os resultados a que chegara no dia 25 deste mês. Deve, portanto, reconhecer-se que a rapidez com que a Administração procedia era de molde a incutir no espírito do público, ao qual iam ser exigidos pesados sacrifícios, uma confiança indispensável para que a intervenção americana no conflito se tornasse rapidamente aquilo que geralmente se esperava dela.

A comissão de inquérito, presidida pelo juiz Owen Roberts, permaneceu nas Hawaii durante três semanas, findas as quais chegou à conclusão de

que tanto o almirante Kimmel, comandante-chefe das forças navais do Pacífico, como o general Walter Short, que comandava as forças terrestres da guarnição da arquipélago, haviam faltado ao cumprimento dos seus deveres profissionais em circunstâncias particularmente graves. Verificou-se que aqueles dois chefes militares nunca se haviam sequer consultado sobre as medidas de defesa que era necessário adoptar em comum, dada a gravidade da situação que não podiam ignorar, pois tinham recebido, a esse respeito, avisos significativos e constantes. Essas medidas deviam ser a consequência fatal do estado de alarme em que tanto a guarnição da ilha como as forças navais concentradas em Pearl Harbour deviam encontrar-se, desde que para isso haviam recebido indicações categóricas dos Departamentos americanos encarregados da defesa nacional, as secretarias de Estado da Guerra e da Marinha. Estas haviam feito tudo o que estava ao seu alcance para prevenir o desastre, que afinal veio a verificar-se, pois não ignoravam o exemplo de Porto Artur.

AS CONCLUSÕES DO INQUÉRITO

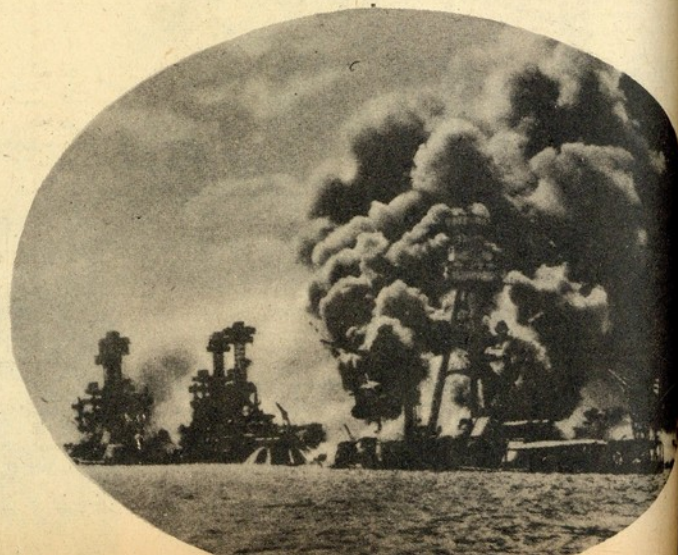
A comissão de inquérito chegou à conclusão de que nos últimos dias de Novembro de 1941, precisamente dez dias antes de se haver desencadado o ataque japonês, o Serviço de Informações de Washington havia prevenido, de maneira clara, as autoridades militares das Hawaii de que as negociações diplomáticas que havia semanas vinham prosseguindo naquela capital, deviam considerar-se praticamente terminadas, e que devia esperar-se, portanto, de um momento para outro, o deflagrar das hostilidades nipo-americanas no Pacífico. Este aviso era feito em condições de não deixar que subsistissem no espírito daqueles chefes militares quaisquer dúvidas sobre a gravidade da situação e sobre os perigos de ordem imediata que ela comportava para a segurança da principal base aero-naval que os Estados Unidos possuíam naquelas paragens. Essa base era a chave do sistema de segurança sobre o qual repousavam todos os planos de guerra articulados em Washington.

No dia em que o Serviço de Informações dirigiu esse aviso solene ao almirante Kimmel e ao general Walter Short, o chefe das operações navais, almirante King, dirigiu um telegrama pessoal ao seu camarada Kimmel avisando-o de que os japoneses haviam preparado, cuidadosamente, uma expedição de desembarque contra as Filipinas e contra algumas das ilhas do arquipélago holandês. Nos dez dias que se seguiram não deixaram de enviar de Washington instruções sobre a marcha dos acontecimentos e sobre os preparativos militares do inimigo, que já nessa altura não constituíam segredo para ninguém, excepto para as autoridades militares das Hawaii. Estas mantinham inabalavelmente, como um artigo de fé, a sua incredulidade quanto à possibilidade e quanto à iminência de um ataque japonês de convergadura, o qual era reputado impossível dadas as condições em que funcionava a base de Pearl Harbour e tendo em conta os importantes meios defensivos que ali tinham sido ultimamente acumulados. Os acontecimentos demonstraram como esta concepção era errônea e como foram gravíssimas as consequências que dela resultaram.

OS ERROS ACUMULADOS

A comissão de inquérito averiguou igualmente que, se as principais responsabilidades, dada a natureza dos seus cargos, devia ser atribuída ao almirante Kimmel e ao general Walter Short, outros oficiais gerais havia que tinham dado graves provas de negligência no desempenho dos seus cargos. O chefe do 14.º Departamento Naval, ao qual estava directamente afecta a defesa das Hawaii, almirante Block, bem como todos os oficiais do seu Estado-Maior, estavam absolutamente convencidos de que era impossível um ataque aéreo de convergadura contra Pearl Harbour. Limitaram-se, por isso, a determinar que fossem reforçadas as medidas de segurança contra possíveis actos de sabotagem e contra ataques submarinos. A hipótese de um grande ataque aéreo estava excluída do número daquelas que esses oficiais superiores da Armada americana haviam considerado como prováveis.

Três outros navios americanos alvo das bombas inimigas: o «The West Virginia», o «Tennessee» e o «Arizona».



Na altura em que se registou o ataque, elucida o relatório da comissão de inquérito, havia nas Hawai forças terrestres e navais em número suficiente e em condições de preparação, e adestramento para repellar o ataque nipónico quando este se verificou. Nem no material nem no equipamento dessas tropas havia quaisquer deficiências que as impedissem de cumprir o seu dever. Os preparativos ordenados pelos Departamentos responsáveis de Washington correspondiam inteiramente às exigências do momento. Por isso o juiz Owen Roberts foi de parecer que os secretários de Estado da Guerra e da Marinha deviam ser ilibados de quaisquer responsabilidades quanto ao desastre de Pearl Harbour. O mesmo se concluiu quanto à acção dos chefes do Estado-Maior do Exército e da Armada, respectivamente general Marshall e almirante King. Ambos estes oficiais haviam cumprido escrupulosamente os deveres dos seus cargos, tendo revelado mesmo no desempenho deles qualidades pouco vulgares de inteligência e de previsão. Simplesmente os seus avisos não haviam sido escutados pelos seus subordinados encarregados de assegurar ao local a defesa e a segurança das Hawai.

No dia 27 de Novembro, dado o agravamento crescente da situação e o malogro já evidente das negociações diplomáticas em curso, tanto o general Marshall como o almirante King haviam ordenado o estabelecimento de patrulhas aéreas, as quais deviam vigiar, em estreita cooperação com as forças terrestres e navais encarregadas da defesa de Pearl Harbour. Tanto em terra como a bordo dos navios de guerra que se encontravam fundeados naquela base deviam ser fornecidas às guarnições de artilharia munições em quantidade suficiente para poderem actuar, de um momento para o outro. Nada disto se havia feito. Os oficiais e soldados do exército e da aviação, bem como

luções que lhes estavam cometidas.

Mas, além do aviso dado pelo oficial de marinha em serviço de vigilância no porto, outros avisos inequívocos se haviam verificado, sem que deles resultasse a ordem para serem adoptadas rigorosas medidas de vigilância. Um sargento que, apesar de se encontrar em regime de licença, se deixara ficar no seu posto, verificou, às primeiras horas da manhã do dia 7 de Dezembro, que uma importante formação aérea se encaminhava para a ilha, voando na altura em que foi observada a cerca de cento e trinta milhas ao largo da costa das Hawai. Reconhecendo o fundamento das suas suspeitas, o referido sargento avisou um oficial superior daquilo que havia observado. Este último limitou-se a dizer que certamente se tratava de aparelhos amigos, em relação aos quais não era necessário adoptar quaisquer medidas de precaução.

Com o pretexto de que naquela área podiam encontrar-se alguns aparelhos americanos em voo de experiência, não foi também dado o alarme em consequência do aviso do sargento. Alguns minutos depois, desencadeava-se o ataque japonês com uma fúria inesperada.

A comissão de inquérito averiguou que o ataque fora desencadeado por aparelhos lançados por três ou quatro porta-aviões que se haviam aproximado das Hawai a uma distância suficientemente curta para poderem desempenhar tranquilamente, e sem qualquer obstáculo, a sua missão. Os porta-aviões eram apoiados por um certo número de unidades de superfície, entre as quais figuravam certamente navios de linha, e por submarinos de vários tipos e tonagens. Um destes submarinos foi afundado, mas outro encahou, o que permitiu às autoridades navais norte-americanas procederem a investigações proveitosas sobre os novos tipos destas unidades empregadas na Armada nipónica. Mas a acção principal desenvolvida contra as unidades da esquadra americana que se encontravam nas bases de Pearl Harbour coube à aviação, e especialmente aos aviões torpedeiros japoneses que puderam visar à vontade os objectivos que lhes haviam sido assinalados, em grande parte com a complicitade da quinta coluna japonesa, que durante meses pôde trabalhar impune nos centros vitais da defesa norte-americana.

Este aspecto da espionagem japonesa durante o período que precedeu imediatamente o ataque a Pearl Harbour aparece especialmente tratado no relatório da comissão de inquérito. Os japoneses, graças à acção dos seus elementos de espionagem, estavam perfeitamente ao corrente das deficiências que havia na defesa da ilha de Oahu. Tinham também informações particularmente exactas sobre a posição de cada um dos navios que se encontravam em Pearl Harbour à data do ataque, e assim se explica que pudessem ter visado do ar esses navios com uma certeza absoluta. Os aviadores nipónicos encarregados do ataque traziam consigo mapas pormenorizados sobre as posições dos navios e as instalações e órgãos de defesa do porto, de forma que o ataque se desenvolveu com uma precisão matemática. Este não era certamente dos aspectos menos impressionantes da incuria que se registara em tudo o que estivera relacionado com a defesa de Pearl Harbour. O cônsul japonês em Honolulu tivera sob as suas ordens mais de duzentos funcionários consulares cuja verdadeira missão não é difícil calcular qual teria sido.



Outro aspecto da tragédia: os incêndios alastram em Pearl Harbour. Foi este golpe de surpresa dos nipónicos que permitiu depois a estes a tomada de importantes posições no Pacífico.

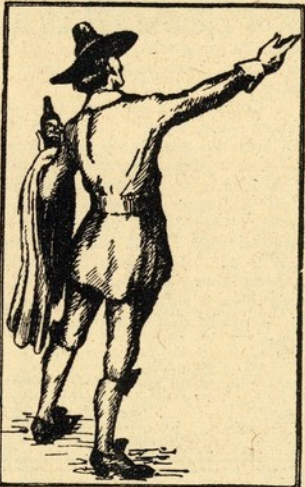
Quando o almirante Kimmel e o general Short deram a ordem de prevenção rigorosa às forças navais e terrestres concentradas em Pearl Harbour, era demasiado tarde. Apesar de ser elevadíssimo, como o constata o relatório da comissão de inquérito, o moral dos oficiais e soldados a quem essa ordem dizia respeito, ela não pôde ser cumprida com a necessária eficiência, dadas as condições anteriormente verificadas.

O almirante Kimmel não tivera, mesmo, o cuidado elementar de inspecionar o funcionamento do sistema de alarme. Os reconhecimentos aéreos ao largo da ilha de Oahu também não haviam sido feitos na extensão e com a minúcia que de Washington tinham determinado, pois de outra maneira se não explicava que uma esquadra japonesa, que incluía algumas dezenas de unidades, entre as quais figuravam navios de linha e porta-aviões, houvesse podido aproximar-se das costas do arquipélago sem ser sequer pressentida. As ordens de Washington prescreviam que os referidos reconhecimentos deviam estender-se até uma distância mínima de setecentas ou oitocentas milhas ao



as guarnições dos navios, haviam dado, desde o momento do ataque, segundo consta o próprio relatório, provas de uma bravura excepcional. Isso não bastaria, porém, para remediar os erros de preparação que se haviam acumulado.

No dia do ataque, os aparelhos de sinalização registaram, por volta das 6,30 da manhã, um objectivo suspeito ao largo de Pearl Harbour. Suspeitava-se de um pequeno submarino japonês que afundou um barco patrulha americano. Meia hora depois, o oficial de marinha que se encontrava de dia no porto foi avisado do que se passara e transmitiu a informação recebida imediatamente aos seus superiores. Apesar de esse aviso, bem categórico, não foi dado em terra qualquer sinal de alarme. Como a rede que protegia o porto contra ataques submarinos só estava fechada de noite, de dia era aos navios de vigilância que estava confiada a missão de descobrirem a aproximação de qualquer submarino, afim de serem imediatamente adoptadas as medidas exigidas pelas circunstâncias. Em 7 de Dezembro, porém, não houve qualquer aviso, apesar das indicações bem claras que tinham vindo de Washington e dos sinais verificados no local e já a essa hora inequívocos de que, efectivamente, alguma coisa de extraordinário e de grave se estava passando nas vizinhanças do arquipélago das Hawai e da base de Pearl Harbour. A incuria das autoridades locais era manifesta e de molde a suscitar as mais justificadas suspeitas quanto à forma por que haviam desempenhado as



largo da costa. Se isso se houvesse feito, é evidente que desde que o sistema de alarme funcionasse correctamente o desastre se teria evitado.

A SUBSTITUIÇÃO DOS CULPADOS

Quando o relatório da comissão de inquérito foi publicado já a maior parte dos responsáveis pelo que acontecera havia sido substituída, independentemente das sanções que houvessem de ser aplicadas depois da averiguação rigorosa do grau de culpabilidade em que haviam incorrido. Tratava-se de uma elementar medida de prudência e de segurança, pois fi-



Confie no

VINHO DO PORTO

COM O

SÊLO DE GARANTIA

DO INSTITUTO DO VINHO DO PORTO

cara claramente demonstrado que os chefes militares que se encontravam no local, além de terem perdido toda a autoridade em relação aos seus subordinados, não tinham as condições requeridas para o desempenho de missões daquela índole. Dez dias depois do episódio de Pearl Harbour o almirante Kimmel era substituído pelo seu camarada Chester Nimitz, o qual até ali desempenhara as funções de chefe dos serviços de navegação no Departamento de Marinha. Por sua vez, o general Walter Short era substituído pelo seu camarada Emmons, e o comandante das forças aéreas das Hawai, general Martin, era substituído pelo general Tuiker.

As medidas tomadas pelo conhecimento do desastre de Pearl Harbour não se limitaram, porém, às substituições dos comandos responsáveis pelo que acontecera. Imediatamente seguiram para aquele arquipélago importantes reforços de tropas e de aviação, o melhor de que os Estados Unidos nessa altura dispunham para fazer face a uma situação que se revelava particularmente ameaçadora. Quanto aos estragos produzidos, cuja verdadeira extensão e gravidade só havia de ser revelada um ano depois, precisamente na data comemorativa do primeiro aniversário do desastre, esses haviam de ser reparados à custa de um esforço gigantesco de recuperação, dos maiores que a História regista. A ofensiva nipónica, uma vez posta de fora de acção por um prazo relativamente longo, a maior parte da esquadra de linha norte-americana do Pacífico, ia desenvolver-se rapidamente com todas as características que já haviam sido assinaladas, durante a primeira fase das hostilidades, quando as potências do Eixo tinham podido aplicar com segurança na Europa os seus métodos de guerra relâmpago.

(Continua)

APRENDA RADIO

Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil

Peça folhetos grátis á

ACADEMIA NACIONAL DE RADIO

AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12 PORTO

Do caderno de um reporter

Do esqueleto da rua da Paz ao rabeção canoneano

Lor Consiglieri Gá Pereira

AINDA que os títulos antecedentes e nenhuma analogia pareçam guardar entre si, fiquem a saber os leitores da sua existência. Mas, em jornalismo de repórter, ao evocar a época grandiosa, «periodus maximus», precedente e conseqüente à proclamação da República, a regra deve ser: — não abrir livros e antes tentar entreabrir almas.

Sobre o Cinco de Outubro, muito se escreveu. Falta-nos, porém, a nota do interesse pessoal e particular. Ela flutua, todavia, no micro-mundo do Chiado. Por ele transitam diariamente, alguns dos seus principais executantes. Ausentes, no entanto, desse cuidadoso urdir de sedimentos para a tecelagem da História, grande ou pequena, nós, portugueses, de um modo geral somos considerados um caso singular de esquecimento colectivo. Se pouco escrevemos, ainda menos lêmos. Ao tratar, então, de um grávido período histórico, matriz de uma inédita renovação como é o «Cinco de Outubro», não discutimos, insultamo-nos; não documentamos afirmações, antes falsificamos, numa alegre inconsciência, o sentido da vida já feita, sem reparo nos prejuízos ulteriores.

Neste caminho íamos, ao trocar impressões com o almirante Cabeçadas e mais alguns companheiros de «tertúlia», também marinheiros, quando êle nos disse.

— Porque não continua você as memórias de um rabeção?

Surpreso, disse-lhe não ser próprio que, tendo eu feito as apresentações ao público da «Vida Mundial Ilustrada», na qualidade de es-falfado rocinante dêste eterno si-randar quixotesco que é o jornalismo português, começasse por falar de mim.

— E de quê? — argumentei, por entre o ruído baço e confuso daquêlle dia de inverno. — Umas vagas recordações, de que mal me recordei para arremeter as quatro colunas de prosa de um número aniversário do «Diário de Lisboa».

— Pois eu li e gostei... Encontrei, por acaso, em uma selecta de portugueses de uma filha minha... — elucidou o almirante Cabeçadas.

— Não diga mais. Eu, de entrevistador vou converter-me em entrevistado? Pois está bem. Não quero que me julquem, além de desditoso também medroso. Nunca acumulei...

NAQUELE TEMPO OS ESQUELETOS ANDAVAM E FALAVAM

Sorriu-se e quinou os olhos azulengos êsse intendente-mór do Arsenal do Alfeite. Resplandece, na sua malícia honrada de algarvio da serra de Loulé, quando faz uma partidinha das suas. Jovem nos cinqüenta e tal, é de novo, nessas alturas, o mancebo de vinte e sete anos que sublevoou e comandou a frota de guerra no 5 de Outubro de 1910.

— Para vingar-me — acrescentei — têm de me aturar a ouvir coisas inacreditáveis dêstes tempos. E tudo verdadeiro! É claro que me refiro ao período decorrente entre 1908 a 1911. Algo ficará de fora. Além disso, nasci dois anos depois do século, em 1901. Tudo decorre, portanto, entre os sete e os dez anos da minha idade.

— Factos!... — protestou o dr. prof. M., que preside, às vezes, ao grupo — Nada de divagações!...

— A êles vou: frequentava, assiduamente, a instrução primária da Academia dos Estudos Livres. Era na rua da Paz e, fundação de gentes do comércio médio, alugara um grande palacete côr de rosa, seguindo de vasto quintal ajardinado à maneira do século XVIII. As salas, vastas e saudáveis, comportaram, entre outras pessoas notáveis, o critico historiador desportivo da actualidade Tavares da Silva. Nêsse tempo, era um «badameco» da 1.ª classe.

— Abaixo as simpatias pessoais! Venha o esqueleto! — voltou a clamar, mais sedicioso que de costume o sr. almirante Cabeçadas. O tempo estava de chuva e êle tinha de ir para o Pôrto Brandão, acompanhado de umas seleções para entreter a noite diluviosa que se aproximava.

— Concedido: é que nada disso já existe! — concordei, nostálgico. — Há anos, ao procurar o poeta João Saraiva, verifiquei, assombrado, que a Academia se desfizera e no seu local perfumado de malvas e trepadeiras se erguia um prédio em cimento... Pois ali vi, pela primeira vez, o Dr. Bernardino Machado. Aderira, pouco antes, já tinha a cabeça branca mas as sobrancelhas, em contraste com o bigode, negras-simas.

— E o esqueleto?

— Aparece agora: o prédio, habitado por gente môça e servido por professorado livre-pensador. alarmou-se, um belo dia. Gritavam as

professoras até se esfalfar. Juravam que o esqueleto existente na Academia, andava e falava. Fugimos para o quintal, ali permanecemos horas e «salvaram-nos» os bombeiros da Esperança, ou das Côrtes. Tempos depois, descobriu-se um fio da campainha eléctrica ligado ao braço do esqueleto. Quasi ao mesmo tempo, descobrimos nós haver paixão assolapada entre uma empregada e um aluno. Mais não digo...

CAMÕES E A MINHA EXPULSÃO

— Porquê?... — e cortei a pergunta do nosso almirante — Porque não sei se haverá algum professor que aproveite êste retalho, tal qual aconteceu ao «rabeção»...

— Que instrumento é êsse? — perguntou o prof. M.

— Na referida escola-acadêmica, para uso da democracia, existiam escolas livres de gymnástica e de canto. Podemos dizer, mesmo, que se as aulas obrigatoriamente — «livres» eram libérrimas, aquelas duas levavam a liberdade até à dissolução. No entanto, dirigiam-nas as duas maiores competências da época: — o professor físico João de Brito e a de canto Rozendo Carvalheira.

— E o «rabeção»?...

— O professor de canto coral queria adaptar, o «Hino a Camões» ao próximo cortejo destinado a consagrar o centenário do nascimento de Alexandre Herculano. Tinha o cântico uma entrada muito bonita. Ainda me recordo e foi a origem das minhas desgraças. Era assim:

E tamborilei os primeiros compassos na mesa:

*Camões fez o livro mais belo
O livro do nosso amor
Quando fomos grandes
Havemos de tê-lo
Havemos de lê-lo
Havemos de guardá-lo
Em nossas almas 'em flor!*

— Uns duzentos, éramos. Entre

râpazes e raparigas. Havia uma certa desafinação. A coisa lá se foi arrumando e o hino quasi em termos de servir para o cortejo-centenário. O mestre-músico é que não estava contente. Gritava, como se fosse um autêntico Mozart:

— Há por aqui um «rabeção»! Se o descobro, expulso-o! Estraga-me todos os efeitos...

E ia seleccionando, apurando, melhorando, e eu a berrar monóórdicamente aquêlle terrível e denunciacior:

«Camões...»

Até que, uma bela tarde, o maestro me disse:—Você é que é o «Rabeção»! Vá daqui, e já! E fui... sem compreender que os rabeções são incompatíveis com os cortejos-cívicos.

JORNALISMO MANUSCRITO E RENDOSO

— Como é que você se recorda disso, assim tão pormenorizadamente?

— A culpa não é minha, mas de um irmão que eu tenho, chamado Antero. Era mais velho dois anos e, com os meus subsídios, exercia a indústria de jornalista-manuscrito familiar. Publicou um semanário que, em regra, saía de dois em dois meses.

— Como é isso?

— Assim mesmo. Sempre que precisávamos de dinheiro para um novo número do «Sherlock-Holmes» ou para ver uma nova fita do Max-Linder, escreviam-se cinco exemplares, onde se inscreviam as mais subservientes louvanhinhas a empresários, impingia eu, depois, o caderno de cinco folhas de papel comercial, à parentela e... já estava a «massa» reinida. Entre o Bairro Alto, o Bairro da Rainha Estefânia e o de Campo de Ourique, reunia o dinheiro preciso para os selos dos bilhetes de favor. É que a minha voz, se não servia para os «finos e «trémulos» do meu ex-professor, era infatigável a apregoar com arranhão:

— Cá está o «Escarlar»! «Ar!» «Ar!» Até parecia um asmático a pedir inalações de fôlha de figueira.

E assim concluo, meus amigos, êste intermédio.

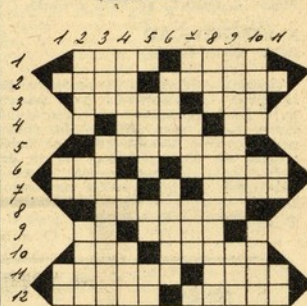
— Mostre-nos o jornal.

— Lá isso não. Era todo indecentemente plagiado, com faltas ortográficas barbeirais e de sapateiro de aldeia. Recordo-me por exemplo, desta verdade: — «Nós hoje começamos a publicar um novo jornal — pois não há tantos » Nos «teatros», lia-se: — «O nosso presado collobrador sr.º dr. Mário Monteiro, entregou uma oppretta, «Príncipe Real — Sol e Sombra — revista», «Rua dos Condes — A Herança da Fada».

No entanto, meses decorridos, a revolução triunfante, subvertia no seu entusiasmo êstes recreios ingénuos da infância. E recreios que não voltam mais.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 59



HORIZONTAIS: 1 — Plano; Feiteira, 2 — Dei pancadas em; Antiga moeda de bronze, do valor de 40 réis. 3 — Mulher; Além, 4 — Anagrama de «peio»; Entregue, 5 — Embarcação, 6 — Teia; Ter tonturas de cabeça, 7 — Apre; Dança e música popular.


8 — Artezão, 9 — Abreu, (antes do meio dia); Relativo a dois, 10 — Interj, (coragem); Purificara, 11 — Elegante; Pedago de pão embebido num líquido, 12 — Loiro; Vigias.

VERTICAIS: 1 — Flexão do pronome «tu»; Nota musical (inv.), 2 — Fome; Nota musical, (inv.); Uma das cinco partes do mundo, 3 — Ligue; Europeu, e designadamente o português; Diogo Alves Correia, 4 — Macaca; Viração; Senhor, 5 — Deus dos ventos; Entrega (inv.); Solitário, 6 — Padre-santo; Invalído, 7 — Perversa; Som; Piolho, 8 — Junta; Entre em competência, 9 — Vadio; Lista, 10 — Anagrama de «ceias»; Aparência; Jogo de rapazes, 11 — Batráquio; Art. f. (pl.).

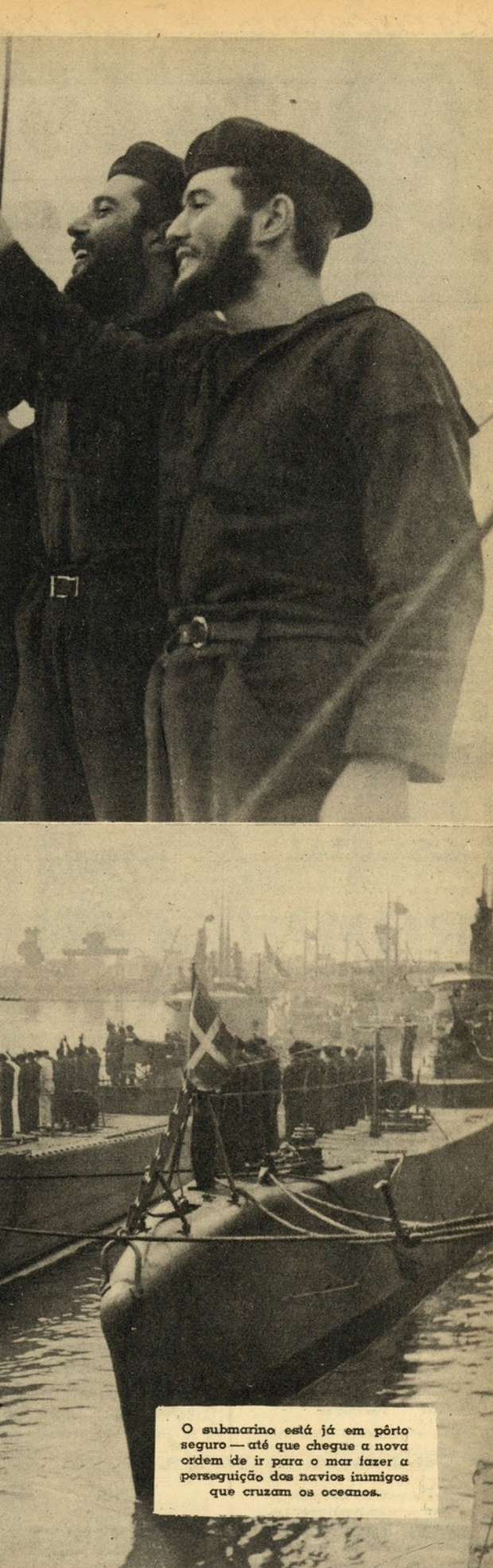
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 58

HORIZONTAIS: 1 — Caparazão, 2 — Óó; Ver; Ir, 3 — Oco, 4 — Nim; Mie, 5 — Amulata, 6 — Mas; Rór, 7 — Cal, 8 — Sa; Ira; Cá, 9 — Arrearas, 10 — Saco; 11 — Saco; 12 — Saco.

VERTICAIS: 1 — Cornamusa, 2 — Ao; Irmã; Ar, 3 — Mus, 4 — Avo; Cie, 5 — Reclamara, 6 — Aro; Lar, 7 — Mar, 8 — Ai; Ido; Cá, 9 — Ornearias.



Estes marinheiros italianos estão contentes. Regressam à sua base depois de um vitorioso cruzeiro no Atlântico.



O submarino está já em porto seguro — até que chegue a nova ordem de ir para o mar fazer a perseguição dos navios inimigos que cruzam os oceanos.



CREMES PARA DE DIA E PARA DE NOITE

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
Avenida da Liberdade, 35
Telef. 2 1866 — LISBOA
Os produtos de beleza
RAINHA DA HUNGRIA

Para peles normais, embelezam, rejuvenescem e eternizam a mocidade
Saões de estética e de tratamento de beleza por processos científicos

PASTA MEDICINAL

Couto

CURA *estomatites*
TRATA *as doenças da boca*



EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS EM LÍNGUA PORTUGUESA

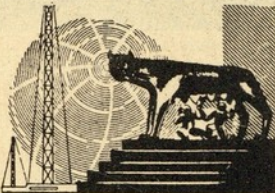
(Recorte esta Tabela para referência futura)

HORAS	ESTAÇÕES	ONDAS CURTAS	
6:15	WEBX	31.1 m.	9.650 kc/s.
8:45	WRUW	49.6 m.	6.040 kc/s.
10:45	WBOS	48.8 m.	6.140 kc/s.
12:45	WBOS	25.3 m.	11.870 kc/s.
16:45	WBOS	19.7 m.	15.210 kc/s.
16:45	WGEA	25.3 m.	11.847 kc/s.
18:45	WGEA	25.3 m.	11.847 kc/s.
20:45	WGEO	31.5 m.	9.530 kc/s.
21:45	WGEO	31.5 m.	9.530 kc/s.
24:15	WDJ	39.7 m.	7.565 kc/s.

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

ESCUTAI



ROMA

NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

Portugal Horas de	Programa	Postos	Metros	Kc/s
8,50	Noticiário	2 RO 21	19,92	15060
		2 RO 4	25,40	11810
13,20	Comunicado de guerra	2 RO 17	15,31	19590
		2 RO 8	16,84	17820
16,10	Noticiário	2 RO 6	19,61	15300
		2 RO 11	41,55	7220
		2 RO 26	48,23	6220
18,00	Noticiário	2 RO 17	15,31	19590
		2 RO 66	19,61	15300
22,50	Noticiário	2 RO 22	25,10	11950
		2 RO 18	30,74	9760
		2 RO 3	31,15	9630
		221,10 ondas médias	263,20	
1,00	Noticiário	2 RO 22	25,10	11950
		2 RO 19	29,04	10330
		2 RO 18	30,74	9760

CONVERSACÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

22.10	aos domingos	39,80
22.20	às quartas-feiras	31,41

E. I. A. R. CENTRO RADIO IMPERIALE

APRENDA
LÍNGUAS



Com os cursos completos em
DISCOS

O ensino mais rápido, perfeito e económico

Milhares de pessoas têm seguido este método com absoluto êxito. Não ha outro que permita em curto espaço de tempo, com pouco esforço e despesa mínima, adquirir pronúncia impecável, vocabulário abundante e prático para falar e escrever correctamente.

DETALHES E DEMONSTRAÇÕES

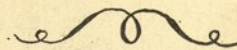
— NOS —

EST. VALENTIM DE CARVALHO

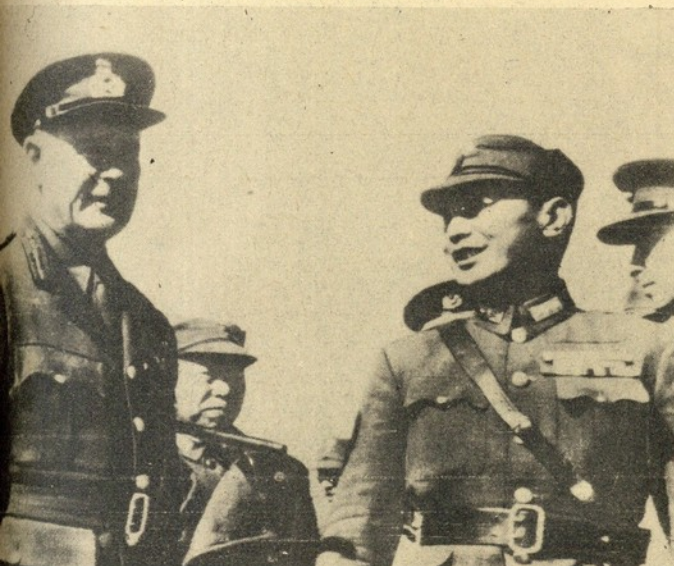
Rua Nova do Almada, 97



A GUERRA NAS MÚLTIPLAS FRONTES



uma das grandes cidades da Rússia na Ucrânia, acaba de ser retomada pelos exércitos do Reich, de uma luta extraordinariamente sangrenta. A foto mostra-nos um aspecto da cidade, quando ainda era defendida pelas forças soviéticas.



O marechal Wavel, o grande chefe militar inglês que comanda superiormente as forças aliadas na Índia, recebeu há pouco a visita do general chinês Ha Ying Chin, com quem conferenciou sobre os planos estratégicos para uma próxima ofensiva contra os japoneses que ocupam a Birmânia.



A senhora Chang-Kai-Chek fez um notável discurso na Câmara dos Representantes, em Washington, na sua recente visita aos Estados Unidos. Foi a segunda mulher a quem foi concedida a honra de subir à tribuna da magna assembleia americana.



O chanceler Hitler, comandante em chefe das forças armadas do Reich, estuda no mapa, no seu quartel-general, os planos de guerra para a frente da Rússia. O chefe alemão marca no mapa a posição dos seus exércitos.



**MORREM OS DENTES
ADOCEM AS GENGIVAS**

nas bocas sem



PARGIL

(Produto medicinal)

PARGIL, duma fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um enérgico microbicida que metódicamente extermina os germens patogênicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não mascara falsamente o hálito nem se limita a evitar as doenças. **Ataca o mal na origem**, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos.

NAS FARMACIAS E DROGARIAS





UM dos últimos retratos de Franklin Roosevelt, Presidente dos Estados Unidos da América, obtido durante a cerimônia comemorativa do aniversário de Abraham Lincoln. No seu notável discurso desse dia, Roosevelt fez perante o mundo a promessa solene de que, no decurso deste ano, as Nações Unidas atacariam a Alemanha, a Itália e o Japão no seu próprio território.